

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE HISTÓRIA DA ARTE

**Graduanda:** Fernanda de Almeida Rocha

**Data da defesa:** 07 de julho de 2023

**Título do TCC:** Mulheres artistas visuais negras do Brasil na arte contemporânea: obras, histórias e trajetórias.

**Orientadora:** Ana de Gusmão Mannarino

A sessão pública foi iniciada às 13h30. Após a exposição do TCC pela graduanda, a mesma foi arguida oralmente pelos membros da Banca Examinadora e foi considerada:

**Aprovada**

**Reprovada**

Observações:

A BANCA DESTACA A METODOLOGIA E A ESTRUTURA DO TRABALHO, O INTERESSE DO TEMA E AS ENTREVISTAS REALIZADAS. RECOMENDA EM TRABALHOS FUTUROS APROFUNDAR TEDIAMENTE OS CONCEITOS ABORDADOS ASSIM COMO A ANÁLISE DAS OBRAS DAS ARTISTAS.

Nota conferida pela Banca: 9,5

A sessão foi encerrada e a presente Ata foi lavrada na forma regulamentar, sendo então assinada pelos membros da Banca e pela graduanda.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Ana de Gusmão Mannarino (EBA-UFRJ)

Ana de Gusmão Mannarino

Prof<sup>a</sup>. Carla Costa Dias (EBA-UFRJ)

Carla Costa Dias

Prof<sup>a</sup>. Tatiana da Costa Martins (EBA-UFRJ)

Tatiana da Costa Martins

Fernanda de Almeida Rocha

Fernanda de Almeida Rocha

Coordenadora do Curso

Aline Couri Fabião

Rio de Janeiro, 07 de julho de 2023.

**Aline Couri Fabião**  
Coord. do Curso de História da Arte  
SIAPE 2523872 - EBA/UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
HISTÓRIA DA ARTE

**MULHERES ARTISTAS VISUAIS NEGRAS DO BRASIL NA  
ARTE CONTEMPORÂNEA:**  
obras, histórias e trajetórias.

FERNANDA DE ALMEIDA ROCHA

RIO DE JANEIRO  
2023

FERNANDA DE ALMEIDA ROCHA

**MULHERES ARTISTAS VISUAIS NEGRAS DO BRASIL NA  
ARTE CONTEMPORÂNEA:**  
obras, histórias e trajetórias.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
graduado em História da arte.

Orientadora: Ana de Gusmão Mannarino

RIO DE JANEIRO  
2023

FICHA CATALOGRÁFICA:

FERNANDA DE ALMEIDA ROCHA

**MULHERES ARTISTAS VISUAIS NEGRAS DO BRASIL NA  
ARTE CONTEMPORÂNEA:**  
obras, histórias e trajetórias.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
graduado em História da arte.

Orientadora: Ana de Gusmão Mannarino

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

---

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

---

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Rio de Janeiro,        de                        de

## AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é certamente a Deus, meu maior e melhor incentivador, que me deu forças em todos os momentos da escritura desta pesquisa, sabedoria e entendimento do que seria melhor para que eu conseguisse concluí-la sem tantas dificuldades. Colocando as pessoas certas nos momentos exatos.

Quero agradecer a mim mesma, por não ter desistido ao longo desses anos, que pareciam ser eternos, e por cumprir a promessa desde o começo de ir até o fim. Não foi fácil, mas de fato não foi torturador, tudo aconteceu no momento devido.

A minha família, que mesmo com toda pressão de término, foram minha base para auxiliar neste processo. Meus avós, Guaraciema e Francisco, que desde o início, apesar de não entenderem muito o andamento, não deixaram de me ajudar no que puderam. Ao meu futuro marido, Patrick Rangel, por toda paciência, troca, você foi praticamente meu cérebro neste momento, não poderia ter um parceiro melhor na vida. Obrigada por tudo!

Também a todos que tiveram a paciência de me ajudarem a ler, reler e pesquisar sobre o tema, alguns nomes são: Patrícia Santos, minha madrinha e ajudante dos estudos, e Raiza Neves, companheira de curso que espero levar para sempre essa amizade.

A Escola Municipal Governador Carlos Lacerda, onde tive as melhores lembranças, com pessoas incríveis e essenciais para que eu tivesse a melhor infância, compreendendo que os fins são necessários para novos começos acontecerem.

Ao Colégio de Aplicação da UFRJ, que me fez crescer e entender o que é realmente ter organização, foco e determinação em todos os meus começos, de ir até o fim e de saber lidar nas situações da vida. Esta escola foi primordial para a construção da minha história, cada professor ou pessoa que passou por mim, sou grata por ter conhecido.

A todas as pessoas que conheci durante a minha formação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, meu sonho foi realizado e estar com pessoas boas foi ainda mais recompensador!

Agradeço à minha orientadora e professora Ana Gusmão, por acreditar em mim e me dar a chance de poder escrever sobre um tema que tem me cercado, com toda dedicação e atenção devida. Desde o início confiou e me favoreceu muitos aprendizados sobre o tema.

Serei eternamente agradecida pela atenção que as artistas escolhidas puderam dar, Charlene Bicalho e Priscila Rezende principalmente, obrigada por poderem participar comigo desta jornada a partir da entrevista e confiarem no meu trabalho. Sabendo das limitações das demais, também agradeço pelo auxílio que Sônia Gomes e Rosana Paulino puderam dar, vocês todas foram fundamentais!

Por fim, porém não menos importante, agradeço às participantes da banca examinadora, minhas professoras Tatiana Costa e Carla Dias, por me corrigirem devidamente e aceitarem esse convite! Foi muito especial e inesquecível tê-las em um momento importante para mim.

## RESUMO

O tema engloba algumas mulheres artistas visuais negras do Brasil (Rosana Paulino, Sonia Gomes, Charlene Bicalho e Priscila Rezende), ou seja, artistas da atualidade que fazem arte contemporânea com temas relacionados ou não, e como as suas obras, histórias e suas trajetórias revelam a luta das mulheres negras em geral. Essa pesquisa se dará em contato com as próprias artistas escolhidas, as entrevistando e destacando suas visões sobre o tema abordado. Com isso, mostrar como essas mulheres artistas ainda enfrentam determinadas situações por seus lugares dentro da arte, em um século ainda muito preconceituoso e racista na questão de raça e gênero. Os objetivos dessa pesquisa são primeiramente tentar definir o que é ser mulher negra em geral e o que é ser mulher artista visual negra do Brasil, posteriormente pretende-se mostrar algumas mulheres artistas visuais negras do Brasil na arte contemporânea, com suas histórias e trajetórias e, por fim, revelar como suas obras refletem no ser artista contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres negras; Artistas contemporâneas; Mulheres artistas visuais; Mulheres artistas brasileiras; Raça e gênero.

## **ABSTRACT:**

The theme encompasses some black women visual artists from Brazil (Rosana Paulino, Sonia Gomes, Michelle Mattiuzzi, Charlene Bicalho, Priscila Rezende and Juliana dos Santos), that is, current artists who make contemporary art with related or unrelated themes, and how their works, stories and trajectories reveal the struggle of black women in general. This research will take place in contact with the chosen artists themselves, interviewing them and highlighting their views on the topic addressed. With this, to show how these women artists still face certain situations for their places within art, in a century still very prejudiced and racist in terms of race and gender. The objectives of this research are first to try to define what it is to be a black woman in general and what it is to be a black woman visual artist in Brazil, later it is intended to show some black women visual artists in Brazil in contemporary art, with their stories and trajectories and , finally, to reveal how his works reflect on being a contemporary artist.

**KEYWORDS:** Black women; Contemporary artists; Women artists visuals; Brazilian women artists; Race and gender.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

- Figura 1:** Público branco vendo o linchamento de um afro-americano, em Indiana, nos Estados Unidos, no ano de 1930 ..... 18
- Figura 2:** Fotografia de Charlene Bicalho, retirada do Instagram pessoal da artista e postado dia 23 de junho de 2022 ..... 29
- Figura 3:** Fotografia de Priscila Rezende, retirada do Instagram pessoal da artista e postado dia 28 de setembro de 2021 ..... 30
- Figura 4:** Fotografia de Rosana Paulino, retirada do Instagram pessoal da artista e postado dia 18 de março de 2019 ..... 31
- Figura 5:** Fotografia de Sonia Gomes, retirada do site 50 e mais, postado dia 08 de agosto de 2022 ..... 32
- Figura 6:** Fotografia da obra “Onde você ancora seus silêncios”, retirada do site da artista, 2017 ..... 42
- Figura 7:** Fotografia da “Onde você ancora seus silêncios #2”, retirada do site da própria artista, 2017 ..... 42
- Figura 8:** Fotografia da obra “Seu silêncio não afogará minha existência”, retirada do site oficial da artista, 2018 ..... 43
- Figura 9:** Fotografia da obra “Mergulhos em si”, retirada do site oficial da artista, 2018 ..... 44
- Figura 10:** Fotografia da obra “Parede da Memória”, retirada do site oficial da artista, 1994-2015 ..... 44
- Figura 11:** Fotografia da obra “Bastidores”, retirada da Revista Continente, 1997 ..... 45

<b>Figura 12:</b> Fotografia da obra “Assentamento” em exposição, retirada do site oficial da artista, 2012- 2018 .....	46
<b>Figura 13:</b> Fotografia da obra “Vem pra ser infeliz”, retirada do site oficial da artista, 2017 .....	47
<b>Figura 14:</b> Fotografia da obra “Gênesis 09.25”, retirada do site oficial da artista, 2015 .....	48
<b>Figura 15:</b> Fotografia da obra “Minas”, retirada do site oficial da artista, 2018 .....	49
<b>Figura 16:</b> Fotografia da obra “Ouro Preto: Rotas de Fugas”, retirada do site oficial da artista, 2017 .....	49
<b>Figura 17:</b> Charlene Bicalho e Priscila Rezende na performance “Bombril”, retirada do site oficial de Charlene Bicalho, 2014 .....	50
<b>Figura 18:</b> Vista da instalação “O mais profundo é a pele”, retirada do site oficial da Pace Gallery, 2022 .....	52
<b>Figura 19:</b> Livro “Um defeito de cor” com ilustrações de Rosana Paulino, Ana Maria Gonçalves. 2022 .....	53
<b>Figura 20:</b> Obra presente na exposição “Um defeito da Cor”, Museu de Arte do Rio, retirada da galeria pessoal, em 2022 .....	53
<b>Figura 21:</b> Obra de Priscila Rezende presente na mesma exposição, foto retirada da minha galeria pessoal, 2022 .....	54
<b>Figura 22:</b> Obra de Priscila Rezende presente na Art Omi, retirada do site oficial da artista, 2018 .....	54
<b>Figura 23:</b> Charlene Bicalho em performance de “CorpoObra”, presente no site oficial da artista, 2018 .....	55

<b>Figura 24</b> Fotografia de Daysi Serena, retirada do site oficial da artista Priscila Rezende, 2019 .....	56
<b>Figura 25:</b> Fotografia própria da artista, retirada de seu site oficial, 2022 .....	57
<b>Figura 26:</b> Priscila se olhando no espelho para seu videoarte, retirada do site oficial da artista, 2020 .....	58
<b>Figura 27:</b> Fotografia de Adam Ciereszko, retirada do site oficial de Priscila Rezende, 2019 .....	59
<b>Figura 28:</b> Obra da exposição “Atlântico Vermelho”, Impressão digital sobre tecido, recorte e costura, 127,0 x 110,0 cm, 2016-2017 .....	60
<b>Figura 29:</b> Obra “Lágrima” de Sonia Gomes, costura e encadernação em diferentes tecidos, rendas e bambu, 230 x 160 x 22 cm, Premio Pipa, 2020 .....	61
<b>Figura 30:</b> Vista da exposição no MASP, retirada do site oficial do museu, 2019 .....	62
<b>Figura 31:</b> Obra “Sem Título” da série Raízes, tronco de árvore, tecidos diversos e linha de algodão, 73 x 153 x 60, Premio PIPA, 2021 .....	62
<b>Figura 32:</b> Gaiola que a artista utilizou para criar a obra “Oratório”, técnica mista, dimensões variadas, Prêmio PIPA, 2012 .....	63
<b>Figura 33:</b> Obra de Sonia Gomes na galeria Mendes Wood DM, costura, amarrações, tecidos e rendas variadas, 193 × 61 × 12 cm, São Paulo, 2016 .....	64

## SUMÁRIO:

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. O QUE É SER NEGRO.....</b>	<b>15</b>
2.1 Mulheres artistas visuais negras do Brasil .....	22
<b>3. (MULHERES) ARTISTAS VISUAIS NEGRAS NA ARTE CONTEMPORÂNEA DO BRASIL .....</b>	<b>28</b>
3.1 O meio profissional para mulheres artistas negras .....	32
<b>4. ANÁLISE DOS TEMAS NAS OBRAS DAS ARTISTAS ESCOLHIDAS .....</b>	<b>41</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>67</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>70</b>
APÊNDICE A - Entrevista online com as artistas .....	71

## 1. INTRODUÇÃO:

O tema em questão parte da ideia de refletir o lugar das mulheres negras artistas visuais do Brasil segundo suas obras, trajetórias e histórias. Abordando a luta pela qual essas mulheres tiveram que enfrentar para chegar onde estão e, mesmo assim, ainda não estarem no topo como outros(as). Uma artista contemporânea visual negra tem os mesmos direitos de estar em espaços artísticos como uma artista contemporânea visual branca? Ou, mais do que isso, um artista contemporâneo visual branco?

A razão principal para elaboração desta pesquisa foi primeiramente observar de perto como é ser negra, ou diferente do branco, em algumas instituições renomadas do país e ver que são a minoria nesses ambientes. Além disso, desde pequena ver como familiares negros também estavam poucas vezes no topo, mas tiveram que caminhar a passos curtos para tentarem obter as mesmas condições de trabalho e/ou estudo os outros sempre tiveram.

A vivência como mulher negra auxiliou no processo de entender que a representação do negro independente das características físicas, como o fenótipo, e de algo biológico. Ela equivale a auto aceitação referente ao lugar em que está, como vive e como é tratado, uma questão mais voltada para a identidade e para o reconhecimento de si.

Ao longo das experiências como pertencente deste povo, a notoriedade é de que não há facilidade alguma pois as grandes instituições, sobretudo da educação, costumam dar invisibilidade aos negros, sejam pretos ou pardos. Apesar das políticas de ação afirmativas, cotas e leis, é possível observar que a população negra é sempre a minoria nos diversos âmbitos que os circundam.

Nos dias atuais existe uma busca maior de se aceitar pelo seu tom de pele, tipo de cabelo e padrões de beleza, por outro lado também é visto como a branquitude tenta se apossar da cultura negra como forma de apropriação e isso causa indignação dos negros. Há uma defesa voraz vinda dos afrodescendentes para manter sua cultura e costumes sem interferência de quem não a possui verdadeiramente e nem sempre tem boas intenções.

Toda dificuldade de pertencer, e não somente isso, mas permanecer nesses lugares por razões financeiras e discriminatórias foram as maiores causas do escrito. O único fato é que nenhuma delas atingiram onde estão facilmente e isso perdura até os dias atuais, mesmo vendo algumas conquistando grandes patamares dentro da arte, embora haja muitos níveis para serem desenvolvidos.

Ser mulher negra é ter que estar refém diariamente de abusos, assédios e situações de impotência que não lhes dão liberdade para (sobre)viver. Embora a negritude seja vista como

algo deplorável, o movimento negro e a própria luta dos negros buscam formas para resistirem em um mundo tão preconceituoso e racista, dando outras perspectivas de seus valores.

Aliás, a possibilidade de uma mulher conseguir emprego em uma área, seja qual for o lugar em que ela resida, é tão desproporcional, principalmente quando possuem filhos e são mães solteiras. Isso causa maior dependência delas sobre os homens, que normalmente não agem de bom amparo para com elas e cria-se um ciclo de ações como violências físicas, verbais, morais e mentais dentro do lar.

Elas sentem inseguranças de conseguirem se responsabilizar por ocupações que normalmente não são abertas para o gênero feminino, somente os homens podem exercê-las, mesmo que as mulheres também sejam capazes. Sendo assim, diminui ainda mais a quantidade dessas pessoas em ambientes que seriam favoráveis para que ela tenha um meio de vida bom e independente porque não se sentem totalmente livres.

O que poderia ser uma abertura a todos os cidadãos segundo seus direitos e deveres, torna-se somente para alguns, que pelo número são a minoria, mesmo assim continuam sendo maioria em países como o Brasil. Esse trabalho propõe questionar como as suas artes não são valorizadas, mas mais do que isso, como mulheres negras que possuem essa profissão não conseguem ter o reconhecimento que merecem.

Sendo assim, o primeiro capítulo apresentará o que é ser negro em geral, independente do lugar que pertence, gênero ou idade, com isso será visto a história deles desde séculos passados com a escravidão e em outros momentos de sofrimento que suportam. Ainda nesse capítulo, a questão do que é ser mulher artista visual negra estará presente para igualar e complementar as razões citadas anteriormente.

Ser negro ainda é diferente do que ser negra? A incógnita será objeto de pesquisa para mostrar não somente a história como a diferenciação do que é ainda menos abordado nos dias atuais. A situação da mulher brasileira como profissional, seja artista ou não, permanece com um silenciamento que não deveria acontecer ainda neste século.

A pesquisa envolverá não apenas de forma geral a história das quatro mulheres artistas visuais negras escolhidas sendo: Rosana Paulino, Sonia Gomes, Charlene Bicalho e Priscila Rezende. Haverá também entrevistas virtuais com as próprias artistas, se possível, que dirão com um pouco mais de si conforme sua personalidade e pequenas reflexões a partir de suas respostas segundo os temas de pesquisa que foram desenvolvidos por cada vivência.

Inicialmente será abordado uma pequena biografia da vida de cada uma das artistas, segundo os locais de nascimento, onde vivem e trabalham, os temas principais que utilizam em suas

artes e seus objetos de pesquisa para qual destinam seus trabalhos. Em seguida, haverá trechos das entrevistas, segundo cada pergunta feita, que foram semelhantes para todas as mulheres, e de acordo com o tema pesquisado.

Ademais, serão utilizadas algumas de suas obras especificamente para mostrar quais são os assuntos mais indagados por elas como forma de manifestar o que pensam e que contam histórias do passado, presente ou futuro. Assim, o propósito é salientar como essas mulheres ainda estão enfrentando algumas situações dentro da arte para conquistar seus espaços que são de direito de todos os cidadãos e que outros sempre tiveram sem muito esforço.

Também estará nítido como que elas possuem assuntos parecidos e que se complementam, seja pela questão da mulher negra por si ou do sofrimento do negro em geral desde a escravidão. Mesmo por serem conhecidas como fortes, o gênero feminino enfrentou (e ainda enfrenta) lutas inumeráveis para terem direitos essenciais à vida de qualquer ser humano.

Ser mulher é ter que ter consciência de que pode estar refém de vários ataques, seja verbal, físico ou mental, pois a sociedade em geral pensa que por ser mais resistente pode atacá-la de todas as maneiras e momentos. Porém nisso é que elas necessitam ainda mais de assistência, seja por seus familiares ou amigos, que muitas vezes não se importam ou não percebem que estão precisando de ajuda.

Assim, o escrito mencionará alguns dos direitos que foram adquiridos com o tempo após tantas batalhas que enfrentaram, como as leis existentes atualmente, movimentos feministas e outros embates e isso revelará mais uma vez a dificuldade de ser negro não apenas no Brasil como no mundo inteiro. Ser mulher, negra e brasileira é ter que encarar uma realidade diariamente que somente castiga esses tipos de pessoas, poucas são as ocasiões em que são amparadas.

Os dados geográficos tentam ser o mais realistas possíveis quando, por exemplo, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública afirma que a cada sete horas uma mulher foi morta no Brasil, sendo sobretudo negras. Não é exagero pensar que essas ações efetivas e reais são resultados de um passado atentador que mantém-se matando sem compaixão e isso carece de mudanças iniciadas por pessoas que não aceitam essa condição de vida.

Mais profundamente, pouco se vê ou se fala sobre como as mulheres são usadas na arte como objetos de estudos e objetificação do corpo, seja na pintura, como escultura ou outra. A mulher ali é retratada estando nua ou de forma a ser ridicularizada pelos homens e pela sociedade em geral, o que não deveria acontecer, principalmente em um país como o Brasil que possui a maior parte da sua população de pessoas do sexo feminino.

Portanto, os objetivos gerais serão de exemplificar como algumas dessas artistas visuais

negras no Brasil tem vivido e como suas obras de arte refletem a luta das mulheres negras em geral, assim como revelar o que é ser negro. Os objetivos específicos serão definir o que é ser mulher negra em geral e o que é ser artista visual no Brasil atualmente. Logo após, mostrar essas artistas como exemplo geral, como já descrito e, por fim, revelar como as suas próprias obras de arte refletem no ser artista contemporâneo.

## 2. O QUE É SER NEGRO:

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto. (GONZALEZ, 1984, p.226)<sup>1</sup>

Conceituar o que é ser negro e o que é ser uma artista visual negra do Brasil são dois objetivos difíceis para serem descritos porém necessários para melhor entendimento da pesquisa desenvolvida. Um conceito refere-se mais ao povo negro totalizado, de qualquer nacionalidade, gênero, época e profissão e o outro sobre as mulheres artistas visuais negras do Brasil, ou seja, em um lugar específico, apenas um gênero, que diz respeito a uma profissão específica e no tempo presente.

Segundo o escritor e pesquisador afrofuturista Ale Santos, o conceito de negro surgiu da palavra latina *Niger*, que significa “escuro ou preto”, da mesma forma que o termo Nigéria ou nigerianos (que seria “nigirianos”).<sup>2</sup> Até mesmo nos séculos seguintes aos da colonização o termo era utilizado para as pessoas que tinham sido escravizadas para ofensa, que também podiam ser ligados a visão religiosa de luz e sombra ou deus e demônio. Durante muito tempo esse termo teve diversas configurações: neger, negro, nigger, nigrum, noir e nègre.

Recordando que após a escravidão no Brasil as pessoas não queriam ser considerados negros, pretos ou africanos e diziam que eram “cabras, mestiças, cafuzas, crioulas, boçais, mulatas e outros” para negar a existência da descendência africana. No pensamento delas, mesmo possuindo o tom de pele diferente do branco elas não seriam negras e sim algumas de suas diversas variações. A negação era gigantesca pois a sociedade, que era em sua maioria negra, não queria que o país fosse conhecido por um lugar com um número elevado de pretos e africanos.

---

<sup>1</sup> Citação presente no texto de Lélia Gonzales intitulado “Racismo e sexismo na cultura brasileira” em que a escritora pretende mostrar algumas falas racistas de pessoas que negam terem essas atitudes, algo que ainda é bastante comum no Brasil.

<sup>2</sup> Texto “A definição do preto ou do negro no Brasil é maior que as pessoas imaginam” escrito no ano de 2020 pelo jornalista Ale Santos no portal Mundo negro.

Um país que possui a maioria da população de mestiços, ocorrida pela mistura de povos e etnias desde a vinda dos portugueses no período da colonização em que trouxeram escravos africanos e a partir dos índios que o habitavam. Naquela circunstância, usavam esses povos não apenas para trabalharem gratuitamente, mas como posse dos brancos em troca de objetos, enganando o povo indígena principalmente que achavam serem peças preciosas por nunca terem visto. Muitas vezes os africanos eram até trocados como mercadorias entre eles com objetificação do ser humano para serem escravizados.

Com a imigração forçada que ocorreu no período de escravidão, os africanos foram levados para diversos países, principalmente nas Américas e causou o que é chamado de Diáspora Africana (ou Negra). Nos navios negreiros cerca de 11 milhões dessa população foram forçados a saírem de seus países, abandonando suas histórias e familiares. Então novas identidades são construídas e inicia-se a mestiçagem pela junção de diferentes culturas do mundo.

Desse modo, antes da assinatura da abolição da escravatura em 1888 cerca de 4,8 milhões de pessoas foram escravizadas no Brasil, um número super elevado de pessoas negras. As leis surgiram pela manifestação dessas pessoas e dos movimentos populares, porém não foi de fato o momento em que eles estiveram livres, ainda eram reféns por causa do preconceito e racismo que permanecem atualmente nas classes dominantes e na população em geral.

Nessa época surgiram muitas teorias de eugenia sobre os brancos europeus do mundo todo, até mesmo no Brasil havia uma tentativa de embranquecer a população, atraindo europeus e aumentando a população branca. Com isso, a idéia era fazer com que os negros desaparecessem do país em meio a miséria e fome causada que os atingiam, mas eles procuravam morar nos cortiços ou trabalhar nas cidades para ter o mínimo de condições de vida.

Toda a história que essas pessoas tinham era constantemente apagadas. Um caso aconteceu em 1890 quando Rui Barbosa, ministro da fazenda entre os anos de 1889 e 1891, mandou queimar todos os documentos de comércio e importação de todos os ex-escravos. Isso fez com que os ex-escravizados não pudessem mais entender suas origens, poderem saber quem eram seus antepassados e onde encontrá-los.

Efetivamente, nos Estados Unidos, país desenvolvido e super preconceituoso, durante o período de escravidão a palavra negro foi usada de uma maneira violenta para se referir às pessoas e o país utilizou de leis segregacionistas além de linchamentos para qualquer descendente de africano, mesmo sem muitos traços aparentes. A tendência é imaginarmos que após escravidão isso não ocorreu mais e deu por encerrada, porém, logo depois da

abolição, ainda houveram casos agressivos nesse lugar e que ainda hoje acontecem veladamente.

A partir de 1865, após abolir a escravidão, só aumentavam os ataques racistas contra os afro-americanos. Tudo isso causou uma quantidade enorme deles migrando do Sul para o Norte dos EUA ao longo dos anos de 1917 a 1970 para amenizar a situação. Mas ainda assim em nenhum momento foi reconhecida toda a brutalidade que viria acontecer nesse período aterrorizador, semelhante ao acontecimentos na Alemanha pelo Holocausto e na África com o apartheid.

Ainda no ano de 1904, houve um caso de violência com um afro-americano chamado Luther Holbert que foi amarrado em uma árvore juntamente com uma mulher em Mississippi pois foi acusado de matar um fazendeiro branco. Em seguida os obrigaram a erguer as mãos e suas orelhas foram cortadas, em seguida jogadas em direção a multidão como forma de lembrança. Ambos foram espancados e utilizaram algo parecido com saca-rolhas com o intuito de retirar pedaços de seus corpos, por fim sendo jogados na fogueira com o propósito de morrerem queimados.<sup>3</sup>

Esse certamente não foi o único caso nos Estados Unidos, segundo o jornalista Angel Bermudez e com os registros da Iniciativa por uma Justiça Igualitária, entre os anos de 1877 a 1950 cerca de 4,4 mil pessoas foram violentadas semelhantemente no país. Isso não acontecia como forma de protesto ou de fazer justiça, eram crimes raciais que foram aceitos pela sociedade para terem razão de culpar alguém, e que certamente não teria ninguém para provar o contrário. Ocorria de caso pensado para incriminar sempre os negros que não tinham defesa e por uma comunidade gigantesca de pessoas brancas (Figura 1). Principalmente a partir do ano de 2005 o Senado do país se desculpou por não ter sido aprovada uma legislação que proibisse os atos de linchamento.

---

<sup>3</sup> Informações retiradas do texto “A história brutal e quase esquecida da era de linchamentos de negros nos EUA” de Angel Bermúdez do BBC Mundo postada em 29 de abril de 2018.

**Figura 1:** Público branco vendo o linchamento de um afro-americano, em Indiana, nos Estados Unidos, no ano de 1930.



**Fonte:** BBC, A história brutal e quase esquecida da era de linchamentos de negros nos EUA 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43915363>>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2023.

Após a morte de Trayvon Martin, um jovem negro, no dia 13 de julho de 2013 por um policial branco chamado George Zimmerman que foi absolvido em seguida pela justiça, começaram a subir a hashtag Black Lives Matter nas redes sociais. Esse movimento iniciou nos Estados Unidos e foi difundido pelo mundo, tendo o significado de “Vidas Negras Importam” ou “Vidas Negras Contam”.

Os membros perceberam que existe um ataque intencional contra os negros e luta pela discriminação, desigualdade racial e brutalidade policial porque os maiores protestos atuais envolvem a morte de negros pelos policiais brancos. Ele foi inspirado por movimentos como o Movimento Black Power, Feminismo Negro, Apartheid e a Luta LGBTQIA+ e ficou reconhecido por suas manifestações após a morte de dois outros afro-americanos em 2014: Michael Brown e Eric Gamer.

No que se refere a ser negro, a ativista Fátima Oliveira cita que: “(...) possui vários significados, que resulta da escolha da identidade racial que tem a ancestralidade africana como origem (afro-descendente). Ou seja, ser negro, é, essencialmente, um posicionamento político, onde se assume a identidade racial negra.”<sup>4</sup> Então, por mais que a pessoa tenha origem preta, ser negro é uma decisão pessoal de cada indivíduo ao se considerar pertencente a essa ou às outras quatro identidades (amarelo, pardo, branco ou indígena). Logo, o negro seria a junção entre o pardo e o preto pois não existe a cor negra.

Na verdade, em 1940, as cores de pele eram definidas apenas pelo amarelo, branco ou preto, também havia a “cor indefinida” sendo o equivalente a pardo e que incluía o mulato, caboclo,

---

<sup>4</sup> Texto “Ser negro no Brasil: alcances e limites.” de Fátima Oliveira publicado no Estudos Avançados em fevereiro de 2004.

moreno e outras denominações parecidas que não se expressavam como “não-brancos” nem como amarelos ou pretos. Toda a separação dessa época era denominada como “quesito cor”, apenas no ano de 1950 passou a constar as cores de pele conhecidas nos dias atuais.

O IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, utiliza critérios de autodeclaração de raça dos cidadãos brasileiros. Seja qual for: branco, preto, amarelo, pardo ou indígena é apresentada de acordo com a escolha do próprio indivíduo que se considera pertencente a algum desses tons de pele.

Nesse sentido, as políticas de ação afirmativa para antidiscriminações surgiram nas áreas da saúde, educação, saneamento, habitação e segurança como forma de alocar as pessoas segundo as classes sociais, sexo/gênero e raça/etnia. Ela auxilia com a finalidade de que as pessoas que são consideradas diferentes do branco tenham direito aos mesmos privilégios que essa classe e de saber a quantidade de pessoas vivas e mortas em determinada época, principalmente sobre a mortalidade da população negra que é elevada. Ajudando a combater o racismo dentro das instituições.

O fenótipo também é outra questão a ser debatida por levar em conta as questões da genética e acreditarem ser o conjunto de características que são observadas em um organismo, sejam elas morfológicas ou fisiológicas. A "cor" da pele é determinada geneticamente, já o tom é determinado pela exposição ao ambiente e todo o fenótipo sofre alterações com o tempo. Outros fatores que determinam são o cabelo, os olhos e o tipo sanguíneo. Ainda há um preconceito em aceitar certos geradores físicos (ou não) dos indivíduos de corpos pretos, a constância em pensar que são inferiores é existente e perturbadora.

Muitos pensam que um negro no Brasil ou é bahiano ou africano, essa construção da mentalidade de ver o negro como outro e não pertencente da sua cultura continua sendo um incômodo para pessoas de pele preta. Mesmo que essa visão seja verdadeira em afirmar que o negro possui um pé na África, pela sua ancestralidade e descendência.

Um tema importante que deve ser retratado é o genocídio do negro brasileiro que foi descrito por Abdias Nascimento e colocou em seu livro sobre o assunto dois conceitos existentes da época.<sup>5</sup> O primeiro dizia que: “O uso de medidas deliberadas e sistemáticas (como morte, injúria corporal e mental, impossíveis condições de vida, prevenção de nascimentos), calculadas para extermínio de um grupo racial, político ou cultural, ou para destruir a língua, a religião ou a cultura de um grupo.”

---

<sup>5</sup> Livro “O genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado” de Abdias Nascimento, 1978.

O segundo era: “Recuso do direito de existência a grupos humanos inteiros, pela exterminação de seus indivíduos, desintegração de suas instituições políticas, sociais, culturais, linguísticas e de seus sentimentos nacionais e religiosos. Ex: perseguição hitlerista aos judeus, segregação racial, etc.” Ambos os conceitos foram retirados de dicionários antigos, de 1967 e 1963, respectivamente, porém ambos apontam igualmente seus significados de forma deplorável e verdadeira.

Por conseguinte, o movimento negro é criado durante a escravidão com o intuito de lutar e resistir por todos os direitos e melhorias que o negro deve(ria) ter, combatendo o racismo, a discriminação e o preconceito, tendo como exemplo o fato de não aceitarem crianças negras nas escolas pós-abolição, quando aceitavam, limitavam o número de acessos e as submetiam a maus tratos.

Hoje em dia ele está sendo utilizado para manifestação e compensar todos os anos de trabalho à força que essas pessoas viveram, sem poderem ter oportunidades de vida e pela falta de inclusão que ainda é vista no mercado de trabalho e nos ambientes estudantis. Diversas leis que abordam a liberdade e igualdade entre os negros foram desenvolvidas com o propósito de mostrar que todos têm a necessidade de ter uma vida digna.

Sendo assim, buscam a criminalização do racismo e o respeito a essa cultura que tanto lutou e por toda a herança histórica deixada. Algumas das leis existentes no Brasil são: a lei 1390/51 (1951), conhecida como “Lei Afonso Arinos” que proíbe qualquer discriminação racial sofrida no país, mas ela não teve tanta eficácia porque não punia mesmo em se tratando claramente de atos de discriminação racial.

Existe também a “Lei Caó”, de 1989, que determina o racismo no Brasil como sendo hoje um crime imprescritível e inafiançável. Outra é a Lei 12.711/12, voltada para o sistema educacional do país e a criação de cotas em universidades públicas para a população negra e a Lei 12.990/14 para os negros terem direito a 20% das vagas em concursos públicos e darem mais oportunidades para quem normalmente é a minoria ou inexistente.

A Lei 12.711 (Lei de Cotas), descrita acima, define que 50% das vagas devem ser reservadas para tais grupos, vinculadas ao Ministério da Educação. Nesse momento o candidato deve se autodeclarar por meio de fotos, documentos públicos e laudos médicos como negro ou pardo. Todavia, mesmo que a autodeclaração não seja absoluta, ainda assim há quem consiga retirar desse direito do negro somente por se considerar pertencente a essa comunidade, mesmo sendo evidente que tenha traços da branquitude e muitos deles não aceitam que essa lei seja para alguns, argumentando que se sentem excluídos de tal privilégio, mesmo usufruindo dele durante séculos.

Essas leis não existiram sempre, temos como exemplo o Código Penal Brasileiro de 1890. Ao invés dos escravos livres terem assistência de vida após a escravidão começam a ter diversas proibições, principalmente voltada aos negros, que tinham menor qualidade de vida. Esse código proibiu o espiritismo, a capoeira e a vadiagem, porque o Estado estava ciente de que quem mais seria afetado seriam os que não tinham nada e que mais as utilizavam, ou seja, os negros.

Ao refletir sobre o tratamento dado aos negros no Brasil, são levados em conta muitos comentários que a sociedade está sempre proclamando, mesmo que tenham certeza de que não são racistas. Muitos deles são em relação à sua beleza física, na maioria das vezes citando seu cabelo, sua fisionomia ou sua forma de agir e “não parece ser de preto.” São falas totalmente racistas, que normalmente a vítima não consegue debater por ouvir diariamente e saber que não vai ser desconstruído de uma hora para outra.

A autora, filósofa, professora e antropóloga Lélia Gonzalez foi uma das pioneiras no estudos sobre a cultura negra no Brasil e co-fundadora de um Movimento Negro. No texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira” de 1984, publicado na Revista Social Hoje, ela coloca algumas frases típicas do povo brasileiro ao se referirem aos negros, como a citação que trago no início deste capítulo. O impressionante é ver que passaram-se muitos anos, várias décadas se passaram e os comentários racistas não deixaram de existir. Além disso, o emissor nunca se sente culpado por suas falas e ações, pelo contrário, diz que a intenção jamais seria agir dessa maneira racista e preconceituosa.

Mesmo sabendo que ao longo dos anos, com todo o avanço da tecnologia e das informações que auxiliam na formação de idéias e na desconstrução de pensamentos conservadores, as possibilidades de mais pessoas terem essa noção deveria estar aumentando. Mas não é exatamente o que parece estar acontecendo, em pleno século 21 ainda há muita gente que vê o negro como um ser diferente e que não merece estar em lugares sofisticados. Basta perceber a quantidade de negros nesses ambientes, sejam eles pardos ou pretos, mesmo assim estão ocupando lugares que antes não estavam.

Inúmeras vezes o apoio da família dos negros perante suas escolhas de profissões é desafiador e, na maior parte dos casos, até inexistente. É comum ver a desconfiança de muitas famílias em acreditar que certas profissões, como a arte, serão benéficas e sustentadoras de um lar. O fato é que ser negro no Brasil é ter que lidar diariamente com questões que precisam ser desfeitas pois interrompem sonhos, crescimentos e conquistas.

Quando alude-se ao suporte dado pelas pessoas que lutam semelhantemente para melhorias nas instituições, é percebido que a quantidade de indivíduos aumenta pois estão com desejos

em comum. Não obstante, são poucas as oportunidades dadas a eles em instituições como escolas, faculdades e serviços públicos em geral, podendo ser também particulares. A cota contribui para maior classificação de grupos específicos de etnias, tal como os negros e indígenas.

Se o intuito da pesquisa fosse expor todos os privilégios que os brancos tiveram a vida toda em comparação aos negros, não teria fim pois diariamente acontece e sempre ocorreu. É um caso que necessita de intensa persistência, séculos pela frente talvez não sejam suficientes para que o problema seja resolvido e haja a verdadeira mudança. Foram séculos de escravidão descarada e que ainda permanece, fazendo a população negra de forma mais recôndita. Entretanto, sempre haverá pessoas que acreditam na transformação e nas garantias igualitárias entre todos.

## **2.1 MULHERES ARTISTAS VISUAIS NEGRAS DO BRASIL:**

Ao se citarem as mulheres negras do Brasil não é lembrado que são 28% do povo brasileiro e 40% do PIB é gerado pela população negra em geral. Mesmo assim, ser mulher negra tornou-se um grande desafio a ser vivido diariamente em um país em que ser negro já é considerado um trabalho árduo, por ser um lugar racista e, para as mulheres, muito machista. Elas sempre são vistas como donas de casa que têm a obrigação de cuidar do lar e dos filhos enquanto o homem trabalha fora de casa.

Outra visão relacionada é que são pessoas fortes e capazes de aguentar qualquer tipo de situação, principalmente as piores e que os outros não seriam capazes de suportar. Isso faz com que a mulher esteja refém de viver com sua saúde mental, física e espiritual totalmente fora de controle, necessitando sempre de cuidados e atenção que na maioria das vezes não são dados. Elas não podem jamais chorar nem demonstrar nenhuma fraqueza.

As oportunidades de emprego, de estudo, de ter uma casa própria ou um carro para o gênero feminino é um tópico ainda mais radical pois são poucas as vezes em que as vemos conquistando lugares ou podendo usufruir livremente de seus direitos. Existe um racismo denominado estrutural, que acontece independentemente das intenções individuais, pela estrutura social, uma forma habitual de discriminação, atitudes consideradas normais há mais de cinco séculos.

Silvio Luiz de Almeida, professor e filósofo brasileiro, determina em as três concepções de racismo, sendo elas: individualista, institucional e estrutural que partem da relação do racismo com outras três vertentes (a subjetividade, o Estado e a economia). A concepção

individualista diz que não há sociedade ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem em grupo ou isolados. Ela trata do comportamento, educação e conscientização de modo direto e é dela que vêm frases como “tenho amigos que são”, “racismo em pleno século 21?” ou “somos todos humanos.”

A concepção institucional contribui mesmo que indiretamente para as desvantagens e privilégios de raça. A desigualdade racial é uma característica da sociedade em geral, não mais isoladamente, dentro das instituições que são hegemônicas por grupos sociais e utilizam delas como imposição de interesses políticos e econômicos desses indivíduos. O grupo acaba ficando com poder e domínio para agir de acordo com suas ambições, colocando regras e padrões que são considerados normais e privam os negros de terem direito de estarem juntamente discutindo ou agindo com os dominadores brancos.

A última concepção denominada estrutural é entendida como aquilo que a sociedade considera natural, seja pelas relações políticas, econômicas, jurídicas ou familiares. Ela acontece direta ou indiretamente, de forma isolada ou não. Todo racismo é estrutural, ou seja, essa concepção envolve todo o tipo de racismo que afeta não apenas a cor, mas também a raça e gênero. O autor conclui opinando que para mudar a sociedade não basta apenas fazer denúncia ou repudiar moralmente o racismo, é preciso posturas e adoção de práticas que são antirracistas.

Quanto ao antirracismo, Djamila Ribeiro enfatiza algumas formas de lidar em seu livro “O pequeno manual antirracista”. Em cada capítulo são citadas algumas indicações como: informar-se sobre o racismo, enxergar a negritude, reconhecer os privilégios da branquitude, perceber o racismo internalizado em você além da última – para que sejamos todos antirracistas. São condutas mínimas que as pessoas deveriam ter sem que alguém tivesse que ensinar, chegando a ser até irônico e vergonhoso.

Todavia, para a mulher é muito além, é ter que sobreviver diariamente com medo, anseio e tendo que ser forte porque a todo instante está refém de ser estuprada, violentada e morta. Mas certamente toda a luta pela qual elas vivem no mundo todo passou a ser reflexo do que os antepassados passaram para chegar nesse momento, que até esse tempo não considera-se o fim. O fato é que para ser negra tem que lutar vinte vezes melhor que o branco, para conquistar apenas o mínimo de direito de cidadania.

A misoginia e a discriminação pelo gênero feminino presente no mundo faz com que a taxa de feminicídio somente aumente. De acordo com o Fórum Brasil de Segurança Pública, no primeiro semestre do ano de 2022, o Brasil teve o recorde de feminicídio com 699 casos entre

janeiro e junho, o que seria quatro mulheres mortas por dia. Em 2019 foram registrados 631 casos, quatro anos após a Lei do Femicídio ser criada.

Com relação ao direito ao voto feminino, segundo a Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), ele foi concedido no ano de 1932 pelo primeiro Código Eleitoral Brasileiro e pelo Decreto 21.076, assinado pelo presidente Getúlio Vargas, que instituiu a Justiça Eleitoral no país, determinando por exemplo o voto secreto. Ainda assim, nessa época, mulheres casadas ou não alfabetizadas não podiam votar, somente maiores de 21 anos com renda comprovada. Com o tempo foram sendo conquistados outros direitos voltados para a política. Verdadeiramente, a luta das mulheres com a intenção de obterem essa permissão vem desde o Movimento Sufragista no século 19 e pelas organizações de movimentos feministas no início do século 20, apesar das mulheres representarem 53% da população brasileira atual (com cerca de 77,8 milhões de pessoas), ainda são a minoria dentro dos cargos políticos em geral. Elas não tinham esse direito pois eram somente consideradas donas do lar e passam a ser candidatas e cidadãs, algo que não existia.

Em 1910 é criado o primeiro partido político feminino, o Partido Republicano Feminino (PRF), no Rio de Janeiro quando ainda era capital brasileira. Ainda era reivindicado o direito ao voto e a emancipação feminina. Outra lei importante de ser mencionada é a 11.340/02 de 2006, denominada Lei Maria da Penha, que foi sancionada para combater a violência contra as mulheres no Brasil cujo o nome faz alusão à Maria da Penha, uma farmacêutica que foi vítima duas vezes de feminicídio pelo marido, condenado apenas 20 anos após.

Somente em 2015 é sancionada a Lei do Femicídio pela Constituição Federal a partir da Lei de número 13.104/15, pois o país já é considerado o quinto maior em número de mortes contra as mulheres. A importunação sexual feminina passa a ser considerada crime em 2018 pela Lei 13.718/18, seja pelo assédio sexual ou por atos libinosos sem consentimento, tendo pena de um a cinco anos no país.

A possibilidade de ler e escrever para as mulheres era quase nula, igualmente a condição de cidadã foi conquistada pelas leis, que não ainda não havia essa consideração. Então, algumas delas que eram da elite e tinham uma certa autonomia financeira passaram a discutir sobre a igualdade para todos. Um dos nomes conhecidos foi o de Celina Guimarães, professora e primeira eleitora registrada oficialmente. Almerinda Farias Gama também foi uma mulher negra, advogada e uma das primeiras a atuar na política, abrindo caminhos para outras mulheres negras.

Contudo, com a alta tecnologia e toda a influência no meio digital, as pessoas estão subordinadas a seguir padrões de beleza, seja pelo corpo ou vestimenta, que estão na moda

como algo que domina os outros. Isso causa ainda mais afastamento e exclusão em quem decide não seguir, ou simplesmente quem não possui condições financeiras para estar a todo instante em prol de algo ditado normalmente pela elite e que requer gastos.

Não esquecendo que as exigências afetam diretamente a mentalidade das pessoas, sobretudo das mulheres, tornando-se reféns com ainda mais intensidade por terem cobranças a todo instante para obterem cuidados físicos e seguir a moda da atualidade. O predomínio delas ocorre principalmente pela classe mais pobre e negra, que não possui dinheiro para pagar estética nem ao menos profissionais da saúde voltados para a mente, como psicólogos e terapeutas. Então ficam sem conseguirem cuidar de si e com responsabilidades que o homem muitas das vezes não assume juntamente.

Conjuntamente, o assédio é transfigurado em uma parte significativa que atormenta suas vidas diárias, sendo destacado em uma pesquisa recente dada ao DATAFOLHA que cerca de 37,9% das brasileiras foram assediadas no ano de 2022, o que equivale a 26,5 milhões de mulheres. Normalmente os assédios ocorrem em espaços públicos, transportes e ambientes de trabalho, assim ela não se sente jamais à vontade de passar em locais em que a maioria das pessoas sejam homens, por exemplo, ou sair de casa sozinha.

É notório também o quanto aos poucos as mulheres vão conquistando seus direitos, mesmo que sejam afetadas diariamente em diversas questões políticas, sociais ou econômicas no mundo. Então torna-se necessário que busquem e tenham cada vez mais seus direitos de conquistarem seus espaços igualmente, de modo semelhante a qualquer outro tipo de pessoa, independente de seu gênero, cor ou raça.

Tudo o que se pode imaginar é como reverter essas situações de controle, sem violência ou males, como antes já vividos no período da Ditadura Militar ou na época da escravidão. A educação seria o meio mais sensato de mostrar para os indivíduos quais são as melhores ações a serem tomadas, com o aprendizado para todos e revelando realmente como vivemos antigamente e até agora. Consequentemente seria ensinado a não ser apenas o branco falando de como foi a vivência do negro escravizado.

Porém esse pensamento torna-se utópico visto que não aconteceria e estaria longe de se concretizar, sendo outra vez o branco o principal fator. O mais viável seria buscar por uma educação sobretudo voltada para a classe pobre que em sua maioria são negros e vivem em comunidades. Desde o ensino fundamental eles teriam mais oportunidades de ingressarem nesse meio e seria mais acessível e igualitário para que no futuro sejam grandes profissionais. As artistas visuais brasileiras atuais são exemplos de como ser profissional e, ao mesmo tempo, ser mulher representa uma dificuldade a mais pois, como já descrito, a mulher carrega

sobre si o peso principal de cuidadora do lar. Quando ela decide mudar o que os outros acham que deve ser a sua realidade, estoura a bolha do que para a maioria sempre foi natural. Só que ainda assim tem o padrão do homem estar à frente em tudo, principalmente profissionalmente, e a opressão a partir dos julgamentos como se fossem inferiores.

A crítica de alguns é que as mulheres não têm capacidade de criar arte ou qualquer outra coisa que não seja voltada para a parte doméstica. E não é uma ideia atual do século presente. Linda Nochlin, na tentativa de responder à pergunta “Por que não houve grandes mulheres artistas?”, escreveu um texto praticamente após 100 anos desde a abolição da escravidão nos EUA. A historiadora da arte descreve que:

Não houve grandes mulheres artistas porque mulheres são incapazes de algo grandioso. (...) As suposições por trás de tal questão são variadas em extensão e sofisticação, desde as “cientificamente provadas” demonstrações da inabilidade de seres humanos com útero ao invés de pênis de criar qualquer coisa significante, até maravilhas relativamente esclarecidas de que, como muitos homens, as mulheres – apesar de tantos anos de quase igualdade – também se deparam com desvantagens e ainda não atingiram nada de excepcional significância nas artes visuais. (NOCHLIN, 2016, p. 3)

O mais importante, assim, deixa de ser a exposição em si e o que ela tem a dizer e passa a ser quem expõe. Normalmente as artistas estão invisibilizadas por serem consideradas inexistentes para os outros, nestes casos apenas os mais reconhecidos e famosos artistas brasileiros são vistos nos maiores eventos de artes do mundo. Elas são “o sexo frágil” que no pensamento dos ignorantes não podem estar em classe alta ou em foco, somente se forem sendo modelos ou retratadas pelos homens.

Embora quando estudamos artes visuais ou história da arte vejamos algumas mulheres negras do Brasil no século 20, como Maria Auxiliadora e Yeda Maria, é escassa a quantidade de artistas negras de destaque neste país. Mesmo considerando as artistas brancas como Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Djanira Motta e Silva, Pagu, Lygia Pape e Lygia Clark, a proporção entre os artistas homens e artistas mulheres existentes e, mais do que isso, reconhecidos, é muito desproporcional. A abundância de pessoas do gênero feminino (que também eram em sua maioria brancas) é descomunal e isso não era tão discutido como hoje em dia, ainda que haja muita aceitação como normal sobre o assunto.

Artistas negras quase não possuem visibilidade nas galerias ou exposições de arte atualmente, há pouco reconhecimento para elas dentro dessa profissão, apesar de existirem diversas profissionais. A privação faz-se existente desde o momento em que não há muitas vagas nas escolas ou faculdades para que haja profissionalização. Até mesmo com as leis que servem para auxiliar, a quantidade de pessoas negras nas instituições é mínima ou utilizada irregularmente por pessoas que não o são.

Os movimentos feministas também surgem no século XIX, tornando-se um movimento político, social, filosófico e de gênero que segue nos dias atuais. O propósito principal desenvolvido é que haja direitos iguais entre mulheres e homens, lutando pelo empoderamento feminino sem que haja os padrões masculinos e patriarcais ou qualquer questão que invada a vida das mulheres e que são impostos pela sociedade. Pelo assunto abordado, Luana Saturnino Tvardovskas revela que:

Nesse país, a produção artística que debate o racismo não recebe ainda grande destaque ou elaboração teórica e é também notável a discrepância entre a quantidade de artistas brancos e negros no sistema artístico. Tomando em conta o já consolidado movimento feminista de mulheres negras no Brasil e também as reivindicações por maior reconhecimento vindas de artistas negras de muitas partes do mundo, salta aos olhos o espaço reduzido recebido pelas mesmas no cenário da arte contemporânea brasileira. (TVARDOVSKAS, 2013, p. 7)

Refletindo acerca do passado, principalmente a partir do século 20 algumas mulheres artistas reconhecidas começaram a ganhar bolsas de estudos ou foram financiadas pela família, o que ocorreu por exemplo com Tarsila do Amaral e Anita Malfatti. Tarsila financiou sua ida à França, onde frequentou grandes Academias como a Academia Julian, Academia de Émile Renard e a Academia de Lhote. Anita estudou no Museu Real de Artes e Ofícios, custeada por seu tio, e depois viajou para os Estados Unidos e estudou na Arts Students League of New York e na Independent School of Art.

Mas o fato é que a quantidade de mulheres artistas presentes nesses lugares é realmente escassa comparada ao dos homens, desde o século XVIII, de acordo com a professora da Universidade de São Paulo, Ana Paula Cavalcanti Simioni:

Ao demonstrar que tais lacunas em nada derivariam da ausência “natural” de talentos, mas sim da exclusão feminina das principais instâncias de formação de carreiras artísticas ao longo dos séculos XVIII e XIX – as academias de arte. (...) Desde então, inúmeras monografias, artigos e livros dedicados a mulheres artistas, bem como colóquios, revistas e debates acadêmicos passaram a mobilizar, de diversas maneiras, a dimensão do gênero, para refletir sobre as produções artísticas, sua história e os limites da historiografia da arte tradicional. (SIMIONI, 2011, p. 376)

Elas eram artistas renomadas e tinham relações com grandes artistas do modernismo brasileiro ou o expressionismo alemão, porém o que as beneficiava também era a cor de pele e a condição social. Naquela época, eram poucos os artistas visuais negros, especialmente mulheres. Mesmo assim, houve resistência desses grupos para que hoje tenham o mínimo de atenção devida e a busca por seus direitos não está concluída por completo no século XXI.

A intenção ao escolher as quatro artistas desse estudo é de não apenas revelar e conhecê-las, mas de mostrar suas existências, suas pesquisas em comum ou não, o que sofreram para terem seus espaços e ressaltar que não é apenas um tipo de arte que deve ser apreciado. Todos

merecem seu espaço e lugares, pois todos contam histórias, têm objetivos e são dignos de respeito. O que é diferente para a maioria não precisa ser excluído para que outro tenha seu destaque pois isso é apenas uma questão de ponto de vista.

Ser negro, de fato, não é uma vivência fácil, os exemplos e parágrafos acima não revelam 1% de como foram são atormentados a vida toda. Mas a luta jamais acabará, sempre haverá quem transborde de disposição para agir, falar ou pensar nesses assuntos e buscar por mudança no Brasil e no mundo inteiro. Pessoas que jamais se cansarão.

O gênero feminino, em especial, as mulheres negras, são sim fortes, batalhadoras e potentes e isso não significa que tem que haver essa enorme cobrança sobre elas de forma a se pensar que são suficientes e devem suportar tudo sozinhas. Todos os direitos e deveres que os cidadãos possuem devem ser dados a qualquer ser humano, independentemente da idade, cor, gênero, raça ou religião,

### **3. (MULHERES) ARTISTAS VISUAIS NEGRAS NA ARTE CONTEMPORÂNEA DO BRASIL:**

A razão pela qual foram escolhidas as quatro artistas que trataremos a seguir é principalmente serem do gênero feminino, da raça (negra), artistas visuais da atualidade, brasileiras e que fazem arte contemporânea. Além disso, elas possuem temáticas parecidas sobre o tema que será abordado nesta pesquisa sobre arte, identidade racial, ancestralidade, gênero, raça, mulher negra, mulher afro-diaspórica, estruturas de poder, contra hegemonia, população negra, decolonialidade e educação.

São pessoas importantíssimas que devem ser re(conhecidas) e citadas não apenas pelas razões diversas citadas anteriormente, mas para mostrar como o que normalmente não é exaltado merece seu lugar, assim como qualquer outro pois nenhum é melhor ou superior. Aqui serão citadas, a partir de entrevistas com as próprias artistas, suas histórias, vivências e trajetórias principalmente a partir da arte, sendo as artistas escolhidas: Charlene Bicalho, Priscila Rezende, Rosana Paulino e Sônia Gomes.

Viver sendo mulher negra e/ou tê-las por perto é saber o que é ser discriminada tendo uma cor diferente do branco, principalmente quando refere-se a instituições de ensino que possuem em sua maioria pessoas brancas. Não é preciso ser necessariamente artista para que se sofram experiências aterrorizantes e profundas nesses ambientes, porém aqui será pesquisado ainda mais profundamente como as mulheres negras que são artistas visuais do Brasil sofrem para obterem o mínimo de seus direitos.

As entrevistas se iniciaram com perguntas referentes a profissão de artista, contato com a arte, o que é ser mulher negra e artista visual contemporânea, principais inspirações, processo de criação, materiais usados, rotina de trabalho, criação dos títulos das obras, viagens a trabalho, desafios profissionais, assistência familiar e profissional, cobranças no fazer artístico, auge do desenvolvimento profissional, diferenciação do que é ser mulher negra e branca e, para concluir, que recomendações dariam para artistas negras iniciantes.

O objetivo principal é perceber a diferenciação entre o gênero feminino e o gênero masculino, assim como a cor e raça, dentro das oportunidades em geral e em específico nas artes visuais. Isso mostrará de fato como acontecem as relações dentro das artes visuais ou em outros tipos de serviços semelhantes (ou não) pois certamente será uma pesquisa que engloba todas as mulheres das inúmeras funções profissionais existentes no mundo. Abaixo será dado espaço para conhecermos uma pequena introdução biográfica de cada uma das artistas.

**Charlene Bicalho** (Figura 2) nasceu em 1982 em João Monlevade, cidade de Minas Gerais. Vive entre a sua cidade natal, Espírito Santo e São Paulo. É uma artista interdisciplinar, curadora e pesquisadora independente. Trabalha com vídeo experimental, performance, intervenção, instalação, texto e fotografia, com crítica institucional e sobre histórias contra-hegemônicas. Tem mestrado em Administração e possui experiência em gestão cultural. Seus temas também são direcionados para a questão de estereótipos de gênero e raça, além de estruturas de poder.<sup>6</sup>

**Figura 2:** Fotografia de Charlene Bicalho, retirada do Instagram pessoal da artista e postado no dia 23 de junho de 2022.



**Fonte:** Instagram oficial da Charlene Bicalho, 2022. Disponível em: <<https://www.instagram.com/bicalhocharlene.art/>> . Acesso em: 8 de fevereiro de 2023.

---

<sup>6</sup> Sem autor, “Charlene Bicalho”, Prêmio Pipa, agosto de 2021, <https://www.premiopipa.com/charlene-bicalho/>

Ela é idealizadora do projeto Raiz Forte, que utiliza-se do tripé arte, cultura e educação, voltado para a para criação de conteúdos audiovisuais, cursos, grupos de estudos, ativações, exposições, encontro de criações e residências. A rede atua com a co-criação de pesquisadores, produtores, artistas e educadores da América Latina, com o protagonismo de artistas em diáspora com suas temáticas de pesquisa.<sup>7</sup>

**Priscila Rezende** (Figura 3), nasceu no ano de 1985 em Belo Horizonte (MG), onde vive atualmente. Ela desenvolve trabalhos em vídeo, instalação, fotografia e objetos, mas a performance é a sua arte predominante. As temáticas são voltadas para a raça, identidade e a presença dos negros e das mulheres individualmente como questão. Suas próprias experiências são também seus principais norteadores de pesquisa, em torno das limitações impostas pela sociedade, estereótipos e discriminações.

A artista busca contato com o público de maneira clara e direta, confrontando-os segundo as realidades da vida e retirando-os de seu conforto para questionar “as prerrogativas cristalizadas”, como citado em sua biografia online.<sup>8</sup> Graduada em Artes Plásticas pela Escola Guignard-UEMG da sua cidade, Priscila já esteve em exposições no Brasil e em países como Alemanha, Inglaterra, EUA, Espanha, Holanda e Polônia.

**Figura 3:** Fotografia de Priscila Rezende, retirada do Instagram pessoal da artista e postado dia 28 de setembro de 2021.



**Fonte:** Instagram oficial da artista, 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/priscilarezende.art/>>.

Acesso em: 9 de março de 2023.

---

<sup>7</sup> Sem autor, “Charlene Bicalho”, Site oficial da artista Charlene Bicalho, acesso em março de 2023, <https://charlenebicalho.wixsite.com/charlene>

<sup>8</sup> Sem autor, “BIO”, site oficial da artista Priscila Rezende, acesso em março de 2023, <http://priscilarezendeart.com/>

**Rosana Paulino** (Figura 4), nascida em 1967 na cidade de São Paulo, onde vive e trabalha, é doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes de São Paulo (ECA/USP) e especialista em gravura pelo London Print Studio. Fez bacharelado em Gravura também pela ECA/USP. Sua produção artística é ligada a questões raciais da mulher negra na sociedade brasileira e a violência sofrida por esta população durante a escravidão e o racismo. Outros temas recorrentes em suas obras são questões sociais, étnicas e de gênero.<sup>9</sup>

**Figura 4:** Fotografia de Rosana Paulino, retirada do Instagram pessoal da artista e postado dia 18 de março de 2019.



**Fonte:** Instagram pessoal da artista, 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/rosanapaulino.oficial/>>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2023.

Ela é educadora, artista visual e curadora, explora o impacto da memória e utiliza da sua própria história como artista negra para citar a história do Brasil construída no passado e que ecoa até os dias atuais. Sua pesquisa inclui também a construção de mitos, como estética e influenciadores da mente, a arte de Paulino é fundamental para a arte brasileira, sendo ela uma das artistas negras mais influentes do país. Além disso, tem uma prática de reconstrução de imagens, memórias e mitologias.<sup>10</sup>

**Sônia Gomes** (Figura 5), nasceu no ano de 1948 em Caetanópolis (MG) e mora em São Paulo. Em seus trabalhos ela também traz referências ao passado, a sua descendência, sendo filha de pai branco e mãe negra, relembra sua avó. Suas obras são feitas de tecidos velhos, antigos, que são bordados e se tornam esculturas de pano e arquiteturas cheias de memórias

---

<sup>9</sup> Sem autor, “SOBRE Rosana Paulino”, site oficial da artista, acesso em março de 2023, <https://rosanapaulino.com.br/sobre/>

<sup>10</sup> Sem autor, “Rosana Paulino”, site Mendes Wood DM, acesso em março de 2023, <https://mendeswooddm.com/pt/artist/rosana-paulino>

pois trazem à tona temáticas voltadas para a identidade racial da artista. Gomes transforma materiais instáveis em arte permanente e contemporânea com suas colagens e construções.<sup>11</sup>

**Figura 5:** Fotografia de Sonia Gomes, retirada do site 50 e mais, postado dia 08 de agosto de 2022.



**Fonte:** 50 e mais, 2022. Disponível em:

<https://50emais.com.br/aos-73-sonia-gomes-prepara-exposicoes-em-sao-paulo-los-angeles-e-nova-york/> .

Acesso em: 9 de março de 2023.

A artista utiliza da visão pictórica e, ao mesmo tempo, no espaço tridimensional, com pequenos a grandes pedaços de tecidos, a memória e o tempo transitam em suas artes, além da cultura afro-brasileira e de práticas visuais populares. Sua cidade natal é conhecida pela produção têxtil, então ela aprende quando pequena a costurar com sua avó e, após a morte da mãe, passa a viver com seus parentes maternos que a ajudam a entrar em contato com os bordados e rendas. Viajou para os Estados Unidos e aprofunda seus trabalhos com a arte contemporânea, é formada em Direito e cursou disciplinas livres de arte na Escola Guignard (UFMG).<sup>12</sup>

### **3.1 O MEIO PROFISSIONAL PARA MULHERES ARTISTAS NEGRAS:**

Na entrevista com as quatro artistas: Charlene Bicalho, Rosana Paulino, Sônia Gomes e Priscila Rezende, apenas duas puderam participar online, via Google Meet, no início do ano de 2023 - sendo elas Charlene e Priscila. A entrevista com Rosana Paulino foi retirada da

---

<sup>11</sup> Sem autor, “Sonia Gomes”, site oficial do Prêmio Pipa, acesso em março de 2023, <https://www.premiopipa.com/pag/sonia-gomes/>

<sup>12</sup> Sem autor, “Sônia Gomes”, site oficial da Enciclopédia Itaú Cultural, acesso em março de 2023, <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa330138/sonia-gomes>

Revista Apotheke em 2016 e Sonia Gomes respondeu às perguntas por emails.

Muitas questões foram inspiradas na entrevista com Rosana Paulino, outras criadas para auxiliar ainda mais a pesquisa, de forma a entender suas vivências e dores como artistas negras visuais contemporâneas do Brasil. Entender o outro é entender a si próprio e é necessário para criar uma educação e respeito. Esse foi o meio de partida para compreender a relação de suas obras com suas histórias e cada uma das obras entre si.

Por isso, a pergunta inicial selecionada para essas mulheres era: Ser artista é verdadeiramente uma escolha? Por que você escolheu ser artista? Normalmente as artistas respondiam que era uma questão existencial ou inevitável, justificando que desde criança possuíam ligações com vários tipos de arte, como a música, a pintura, o desenho, a moda, a fotografia e afins.

Charlene Bicalho diz que a vida a foi conduzindo por caminhos onde teve que fazer escolhas e acabou no campo das artes, mesmo sem formação. É como se a vida tivesse dado uma grande volta pois quando era criança queria ser artista e fez graduação e mestrado em administração, somente depois foi parar nas artes. Hoje, para Charlene, a arte é uma forma de se relacionar com o mundo e com o que está ao seu redor, é o que a move, então essa escolha está relacionada a como consegue criar formas de vida e de relações a partir do que faz.

A artista continua dizendo que ser artista, especialmente visual, na maioria das vezes não parte de uma escolha, muitas das artistas desde pequena já possuem ligação com a arte e isso com o tempo as leva a ser profissional. Para se considerar oficialmente como tal não há muitos requisitos, algumas precisam somente passar por um estudo formal de artes e para outras simplesmente acontece.

Ao serem questionadas sobre a profissão exercida por elas caso não fossem artistas visuais, a maioria respondeu que seria música, cineasta, bióloga, arquiteta, dançarina, geralmente voltada para as artes novamente. Sendo assim, seja por escolha ou não, é visível que ser artista não torna-se uma dúvida, mesmo cientes de que no início o salário de uma artista não serviria por si como sustento.

Priscila Rezende chega a citar como não teve o hábito de frequentar museus ou teatros por vir de uma família pobre e negra, isso reflete até os dias atuais uma exclusão dessas classes e raças em alguns espaços. A artista fala que: “Eu sempre gostei, desde criança, de fazer atividades de artes e culturais, mas a minha família nunca foi muito envolvida com arte. Eu venho de uma família negra, pobre, então a gente não tinha costume de frequentar museus, teatro, mas eu gostava de desenhar desde criança.” (REZENDE, 2023, np)

Considerar-se profissional em artes visuais também é um desafio que elas não sabem como responder, pois o que seria um profissional em artista visual? O que definiria isso? Algumas

citam a questão financeira de poderem se sustentar apenas com a arte, outras a fama ou reconhecimento, então se utilizam de grandes referências para responderem a essa questão.

Charlene Bicalho revela que:

No início eu ouvia muito que eu não era uma artista profissional mas quando eu vou pensar nas artistas negras profissionais, eu sempre as vejo tendo que desenvolver uma outra atividade que é uma atividade que vai permitir condições de vida para poder conduzir para produzir. Então, as grandes referências de artistas negras que eu tenho deram aula por muito tempo, ministraram oficinas, estavam no campo e foram mulheres muito atuantes e ainda são muito ativas no meio do educativo. Mas pra mim o que aconteceu foi que hoje eu vivo disso, mas hoje eu tenho uma percepção que a área da educação, que quando a gente fala da definição de artista é daquele que vive da sua própria arte, então a partir dessa definição, a partir de 2016, 2017 isso foi se alternando pra mim. (BICALHO, 2023, np)

Semelhantemente Rosana Paulino responde que é uma pergunta difícil porque “O que é ser uma artista profissional no Brasil?” (PAULINO, 2016, p.8), questiona e continua dizendo que tem muita gente que faz um trabalho ruim e vende muito sendo profissional, mas ela indaga se o trabalho assim seria relevante. “E tem muita gente que tem um ótimo trabalho, no entanto não é devidamente reconhecido, tem que fazer loucuras pra sobreviver.” (PAULINO, 2016, p.8) debate novamente.

Ela diz que no panorama de então não sabe se considera-se uma artista profissional, porque ainda depende de aulas e outras atividades para manter o ateliê, embora não considere que lecionar é uma atividade menor. Dar aulas é uma de suas paixões, mas tem o fator da escolha, ainda não pode escolher ser apenas artista e não tem como abrir mão das aulas, palestras, oficinas, etc porque não conseguiria fechar o mês. Conclui que pode se considerar uma artista profissional pela relevância que seu trabalho alcançou, porém não é profissional no sentido de viver só de suas obras.

As principais inspirações delas são nomes como a própria Rosana Paulino, Eneida Sanches, Ana Mae Barbosa, Fabiana Lopes, Renata Felinto, Ana Mendieta, Michele Mattiuzzi, Val Souza, Lucimélia Romão, Jotta, entre outros. Sônia Gomes responde somente com algumas palavras como: artistas populares, de artesanato e de congado, sendo portanto em sua maioria mulheres e negras, assim como elas.

Afinal, o que, para as artistas, é ser mulher negra juntamente com ser artista visual contemporânea? Charlene Bicalho rebate que é uma grande caixa e ela tenta sair dessa clausura porque ela é artista brasileira e isso enviesa no que faz por ser vista apenas como mulher negra. Mesmo assim entende as questões dentro das artes visuais, mas é como se só coubesse nessa caixa porém seus trabalhos discutem questões da maioria da população que é negra. Priscila Rezende responde dizendo que:

Ser uma mulher negra é muito difícil de definir, a gente sabe que pensando na pirâmide ela está no lugar mais baixo. Sei que tem muita discussão sobre o homem negro sofrer racismo mas a gente também é atravessada pela misoginia. É um caminho árduo, mas eu acredito que a gente tem muita potência, infelizmente acaba sendo 10 vezes mais difícil que qualquer outro. E se a gente for lidar com esse circuito de galerias e colecionadores, esses lugares são muito dominados por homens e homens brancos mas se precisar lidar com um homem negro e uma mulher negra, eles vão preferir o homem negro. (REZENDE, 2023, np)

A artista sucede argumentando que homem nesse lugar ainda é muito questionado pela sociedade, mesmo assim ainda existe esse lugar da mulher negra bem dual. Ao mesmo tempo que é entendida como alguém frágil, é forte e pode ser submetida a qualquer coisa, como abusos, porque tem força. Cada lugar e situação coloca a mulher negra em situações diferentes, diz a artista, e assim precisam ser dez vezes melhores.

Mesmo assim, se tem retorno ao ver outras mulheres, às vezes bem jovens, que observam a trajetória dessas artistas, se inspiram e vêem um caminho possível para se estar em outro lugar por causa do trabalho delas. Priscila conclui enfatizando o quanto é legal ver que estão fazendo algo para outras gerações futuras e receber esse retorno, isso as faz acreditar que estão construindo algo bom.

Elas explicam um pouco de como acontecem seus processos de criação, Priscila inicia afirmando que é bem comum partir de experiências e coisas que já viveu, que a incomodaram, que vê no dia a dia e precisam ser questionadas. O trabalho dela trata de vivências como mulher, negra, racismo, violência contra mulher e machismo, ela diz que às vezes parte de uma memória, de um fato, um acontecimento. Algo que tem feito muito é tentar tratar o trabalho de forma coletiva pois não vive sozinha a misoginia por ser mulher, além do racismo e da interseccionalidade.

Já Charlene revela que ele vai mudando com o tempo mas ela tem entendido como se estivesse decantando, é um processo que começa com a interação da artista com o espaço, os objetos, a espacialidade, com a escuta das pessoas ao redor dela que é também o início do trabalho para além do interesse de pesquisa. No segundo momento ela começa a se relacionar com esse espaço e objetos para a partir disso pensar como vai materializar o trabalho.

Os últimos trabalhos que ela tem feito são trabalhos que pesquisam sobre as relações de poder dentro das instituições, entrando nas instituições, escutando um grupo de pessoas e realizando o trabalho. Os trabalhos vão se desdobrando e transitando como na performance de vídeo de fotografia e pensa como vai materializar isso a partir do trânsito de linguagens, explica Bicalho.

Além disso, Charlene Bicalho expõe alguns dos materiais que têm sido usados em suas obras, como o vidro, a água e a pomba. A água pelo seu movimento, pensando sobretudo nas águas

internas do corpo humano que é feito essencialmente dela, a pomba por ser um material muito ativo, seja no campo físico ou espiritual e os vidros pela transparência e por ser tão frágil, como se a qualquer momento não pudesse existir, como a artista parafraseia.

Sônia Gomes é mais objetiva ao afirmar sobre os momentos e os lugares em que tem mais inspirações para criar uma obra e a maneira como se dá seu processo de criação: "Não é o momento, é o estado, o material que escolho e recebo, que é o condutor. Eu nunca trabalho a partir de um tema e sim a partir do meu encontro com o material. Ir todos os dias para o ateliê é minha rotina diária." (GOMES, 2023, np)

Rosana Paulino utiliza tintas para gravuras, acrílicas ou de aquarelas quando relacionadas ao desenho, com cores mais terrosas, verdes ou vermelhas, porém diz não ter afinidade com cores. Ela também usufrui da prensa na maior parte de suas pesquisas, de maneira mais prático-afetiva, e na xilogravura ou gravura em linóleo usa facas ou goiva V para sentir melhor o corte do material.<sup>13</sup>

Ao interrogá-las a respeito de como normalmente são criados os títulos das obras, cada uma tem uma forma diferente de fazer. Charlene Bicalho comenta que são de diferentes maneiras, algumas por frases que ouviu, imagens que sonhou, paisagens, porém é difícil que ela nomeie após a criação, como o exemplo da artista de dar nome a um filho depois de nascido. Bicalho possui um caderno com títulos que ela vê e pensa que o trabalho nasceu daquele título.

Contrariamente, Priscila Rezende tem outro processo para produzir a nomeação de seus títulos. A artista afirma que por não gostar de nomes óbvios prefere criar a obra e posteriormente o título, o ponto de partida é pensar no trabalho em si e no que ele traz, com a religiosidade ou não, segundo os temas abordados por ela. Ela aponta que por ter vindo de uma família cristã, começou a incorporar passagens bíblicas e esse processo tem sido recorrente, o que acabou se tornando uma série.

Rosana Paulino aponta que às vezes é complicado criar um título, mas algumas obras podem surgir dos títulos. Ela vê um texto, uma frase e isso dá idéia para a criação e vira o título da obra quando ela acha bonito ou interessante. Então torna-se normal ver o trabalho como se já estivesse pronto ao ler o que a provoca, mesmo assim isso pode ser variável com as situações do dia a dia.

Para Paulino é impossível ter um dia típico ou rotinas diárias, aliás ela confessa que odeia rotinas e seus dias variam juntamente com os trabalhos. Tem dias que resolve assunto do

---

<sup>13</sup>APOTHEKE, R. Entrevista com Rosana Paulino. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 2, n. 1, 2022.

escritório, faz projetos, prepara aulas e não chega perto da parte prática no ateliê, outros ela vai direto para o ateliê e isso depende de diversos fatores como o humor, viagens, prazos, necessidade de fechar uma exposição e etc. Semelhantemente e resumidamente Priscila responde que:

Eu sinto que não tenho rotina estabelecida, estou fazendo mestrado e a previsão é terminar esse ano. Com isso sinto que deixei algumas práticas que eu fazia e eu não tenho ateliê, sempre fiz todos os trabalhos na minha casa. Até porque tem uns trabalhos que nem tem o outro, são só eu, o corpo e alguns objetos, só preciso reunir alguns objetos. Faço a minha pesquisa na internet, os materiais que preciso e as imagens que quero criar e alguns materiais foi a presença do corpo e materiais. Uma outra coisa que eu preciso produzir eu faço em casa. Às vezes só faço meu trabalho como artista, às vezes recebo alguns convites mas uma coisa que faço é ler editais, tem site que eu me inscrevi, site que mandam por email como se fosse uma lista de email, existem editais que são só para artistas no Instagram. (REZENDE, 2023, np)

Em contrapartida, Charlene diz que quando está trabalhando fora de casa ou em casa, ela organiza objetos dispostos em cima da mesa, pra ela é como se a posição deles dissesse como está fazendo e a ordem também revelasse se está seu dia ou para criar imagens do que precisa naquele momento para continuar produzindo. A artista chama essa rotina de ritual, só depois de fazê-la começa a trabalhar, seja lavando um vidro, lendo um livro, escrevendo performances, revendo imagens, imprimindo imagens e etc.

Todas as artistas citadas já tiveram a experiência de viajar para alguns lugares fora do país, assim como seu trabalho. Priscila Rezende conta que já foi para a Alemanha, em 2016, sendo sua primeira viagem internacional, Londres, Estados Unidos, Holanda, Espanha e Polônia. Charlene Bicalho diz que já foi para a França, Portugal, Uruguai e Peru, além disso esclarece que seus trabalhos viajaram bem mais que ela em lugares que ela nunca imaginaria pisar.

Infelizmente é um fato que elas já sofreram bastante e tiveram diversos desafios para chegar onde estão profissionalmente. Bicalho cita que seus desafios foram mais em questão de produzir apesar dos pesares, mesmo quando tem algum outro problema e ela precisa continuar produzindo constantemente e ter sede de realizá-los.

Priscila manifesta que são obstáculos da vida de uma pessoa que não é herdeira e quando se formou precisava trabalhar e não tinha como ter a arte como prioridade. Ela conseguiu logo após sua formação um estágio como educadora de uma instituição cultural de Belo Horizonte e ficou cerca de um ano trabalhando lá, depois e ficou sem trabalho durante um ano. Nesse tempo, se inscreveu em alguns editais e não passou, então sua prioridade foi procurar um trabalho, pois precisava de um emprego.

Isso quando não é citado um dos maiores desafios da vida de uma artista: ter auxílio da família ao ingressar neste trabalho. Priscila Rezende expõe que não teve esse apoio pelo fato

de sua família não acreditar na profissão, mesmo assim ela entende, na época ficou chateada mas hoje entende muito. Priscila conclui sua fala dizendo que veio de uma família de pessoas negras e pobres e a arte é elitizada, hoje tem possibilidades maiores de trabalhar com arte e não somente sendo artista. Charlene continua falando sobre o assunto:

A resistência é por não conseguir visualizar o desejo por uma permanência como uma segurança financeira, talvez seja um grande fator de não aceitação das coisas que fiz e que faço. Eles não entendem. Uma vez eu vi um ator que estava recebendo o prêmio do Oscar e eu liguei pra minha mãe pra contar e ela perguntou “isso quer dizer que você tem um emprego?” e eu disse que não era eu. Eles não entendem essa escolha que de fato não é de uma permanência financeira. (BICALHO, 2023, np)

Em relação a ajuda de profissionais, como assistentes, Bicalho revela que começou a ter uma ajuda no ano de 2023 e que ela não sabia se permaneceria pois é algo novo. Ela que sempre cuidou da parte burocrática como escrever projetos, pensar na captação dos recursos, desenvolvimento dos trabalhos (palestras, oficinas e etc), ou seja, se considera uma faz tudo porque estava em todas as cadeias de produção.

Priscila Rezende argumenta que não tem e isso é uma coisa mais ou menos difícil porque não são todos trabalhos que ela precisa, até porque não teria dinheiro. Alguns ela quer fazer e seriam pesados, mas seria importante ter assistentes e outros que estão ficando na gaveta para quando tiver mais oportunidades.

Um dos últimos que fez está atualmente no Museu de Arte do Rio na exposição “Um defeito de cor”, na qual ela teve assistência de outras pessoas para cortar as roupas a laser. A artista precisou costurar umas pessoas e uma amiga costureira fez para ela, outro amigo ajudou tratando as peças para dar firmeza ao trabalho. Ela afirma que não posta muito em redes sociais porque não tem interesse em fazer ensaios todos os dias, então a própria responde seus emails, contratos e negócios com as pessoas.

Do mesmo modo, Paulino retruca que possui assistentes para alguns projetos especiais, porque a necessidade varia de acordo com a verba, precisar de alguém especializado ou ter que ficar sozinha pra pensar melhor e pelo fato de gostar de trabalhar sozinha. Ela diz que no Brasil é normal não haver verba suficiente para pagar assistentes, somente nos casos de maior exigência de especialização.

A cobrança a si própria também é uma vivência da qual as artistas estão constantemente fadadas a estarem reféns durante suas produções, pois são um meio de sustento, muitas das vezes o único quando se tem somente a profissão de artista visual. A maioria se cobra para ter uma perfeição ou ao menos até que a obra seja agradável a elas, como explicam Charlene Bicalho e Sônia Gomes.

Cada uma delas possui apego com uma de suas produções específicas, Exceto Sônia Gomes, que diz que o seu trabalho é para o mundo e por isso não tem nenhum apego. Bicalho fala sobre o trabalho “Onde você ancora o seu silêncio?”, uma obra que ela ainda está revisitando e tem âncoras que a artista não consegue desapegar. A justificativa é de que esses objetos relacionais dizem sobre o indivíduo, pensando na materialidade que conviveu nos últimos anos, não é o objeto em si, porém as histórias, os rastros e os vestígios que ele carrega.

Priscila relata que o trabalho exposto no Museu de Arte do Rio nomeado “All of which are american dreams” é parecido com um que ela já havia feito na residência dos Estados Unidos que durou 28 dias, sendo sua primeira instalação. As performances, como ela diz, são em grande quantidade, mas é um trabalho efêmero, foi o primeiro realmente palpável e com o custo alto, por isso não trouxe para o Brasil e teve que doar para a instituição.

Rezende prefere refazer a obra com um tamanho maior que o de antes, pensando no contexto brasileiro, em como a violência policial contra os negros e de periferia ocorrem demasiadamente. Muitas histórias são lembradas pela artista, como a do Vinicius e da Agatha, que foram mortos injustamente por policiais, o trabalho passou a se chamar Absência por causa do vazio que não tem como traduzir e está entre parênteses.

Apesar disso, essas mulheres não se sentem totalmente no auge do desenvolvimento profissional, Charlene diz que não chegou nem em  $\frac{1}{2}$  da onde ela pretende e que está distante do que quer profissionalmente. Isso provavelmente tem uma relação não apenas com a questão financeira como o reconhecimento que deveriam ter no meio a que estão se dedicando e que possui uma certa discriminação para elas. Essa diferenciação ocorre diariamente, em qualquer situação do cotidiano, porém o principal alvo são pessoas racializadas, assim como declara Charlene Bicalho:

Estou numa residência, por exemplo, fomos fazer uma visita no MASP, quando você entra tem uma vistória e você precisa mostrar sua bolsa. Estavam todos nós artistas e faziam uma pergunta. E a pergunta que era feita, não sei se pra todos, mas para os que eu vi era “você tem algum objeto cortante na bolsa?” e pra mim era “você tem algum objeto cortante? faca? estilete? canivete?”. Foram falando todos os objetos cortantes que obviamente a pessoa que estava fazendo a vistória conectava quando me via. Para aquela mulher não bastava dizer objetos cortantes, ela tinha que deixar explícito pra mim quais eram os objetos que ela tava vendo.

São ações que muitas vezes passam despercebidas, não se vê o preconceito ou o racismo no momento e ao final percebem o que sofreram. Explicitamente, Priscila Rezende reitera que já aconteceu, por exemplo, dela ir apresentar uma performance em uma instituição privada e pedirem para que ela baixasse o valor. A própria soube que para artistas brancos eles pagavam mais e ninguém diz isso pessoalmente.

Além de já ter ocorrido de pedirem orçamento e não responderem, então ela se pergunta se com os brancos o tratamento é semelhante, pensa que o respeito é maior por eles pois não respondem sequer dizendo que não querem mais seu trabalho. Realmente em muitos ambientes é fato que o negro é tratado, na maioria das vezes, com indiferença por serem geralmente pobres e vistos como inferiores.

Essas artistas se sentem inseguras muitas vezes ao terem que fechar algum trabalho, colocar currículo ou ter que participar de alguns lugares em que são minoria por serem mulheres e negras. No entanto, não deixam de ter inspirações e almejam conhecer pessoas do mesmo nicho que falam sobre assuntos que elas acham pertinentes para suas pesquisas, alguns citados foram: Paulo Nazareth, Ana Lira, Tiago Gualberto e Tunga.

Por fim, são feitas algumas recomendações que as artistas acham pertinentes para as novas artistas negras que estão iniciando nesse processo. Priscila diz que uma coisa que aprendeu com o tempo foi o cuidado em registrar trabalhos, mesmo sabendo da dificuldade quando se está no começo, pode ser com ajuda de amigos fotógrafos que estejam iniciando. Seja por registros, portfólios ou divulgando para que outras pessoas conheçam o trabalho, as redes sociais são grandes aliadas e o pdf, se possível em inglês, podem auxiliá-las.

Charlene é sucinta em suas recomendações: “Não se encaixote, você está repensando a arte contemporânea brasileira.” (BICALHO, 2023, np), lembrando de como essas mulheres são conhecidas apenas pelo título de “negras”, como se não tivessem dentro da arte contemporânea brasileira em si. São pensamentos retrógrados que são usados para excluí-las e torná-las inferiores, porém também são pertencentes.

Igualmente, Sônia Gomes utiliza de poucas palavras para descrever suas orientações, como persistência, liberdade e coragem, palavras que dizem muito em como é necessária muita força para estar neste lugar de destaque e bastante tentador. É notório o quanto estar no ambiente artístico não é tão fácil como se pensa, relacionado a um passatempo ou hobby, não uma profissão digna como todas as outras.

Em conclusão, Rosana Paulino sugere que se preocupem com a sua verdade, com o que as incomoda, não entrar em modismos, não se ater com a verdade dos outros e ter liberdade para criar o que realmente deseja. A artista diz que atualmente tem visto muitos da área que lêem artigos somente se forem escritos por críticos renomados e conhecidos dentro do mundo das artes, é preciso sempre ir além do que é esperado.

Em suma, as entrevistas auxiliaram em muitos aspectos para o desenvolvimento da pesquisa, como por exemplo ressaltar como essas mulheres ainda não possuem todo o reconhecimento devido, mesmo se dedicando tanto quanto (normalmente até mais que) os demais. São

mulheres negras, mas que não querem ser vistas apenas dessa forma pela sociedade em geral ou dentro das artes visuais.

Elas lutam para que outras se fortaleçam com seus desafios e vejam que podem conquistar lugares altos de destaques em instituições e países que nem mesmo imaginam. Ser mulher realmente é ter de enfrentar ainda mais situações perturbadoras que as assolam e querem as diminuir como pessoas que não são capazes de ocupar certos ambientes que deveriam ser para todos porém são de exclusão para muitos.

O desejo é somente poder habitar os ambientes sem ser molestada, estuprada ou morta, sem questões de diferenciação de raça ou gênero ou serem olhadas como inferiores, não é à toa que seus objetos de pesquisa são temas relacionados a esses assuntos. A arte não é apenas sobre fazer pinturas, costuras ou semelhantes, ela foi feita também com o intuito de enviar mensagens e ser canal de manifestar (in)satisfações.

Portanto, essas mulheres buscam transformar a realidade atual e criar novos espaços de inclusão e representação. Elas acreditam que a arte é uma ferramenta poderosa para sensibilizar e conscientizar a sociedade sobre questões sociais e injustiças. Seu trabalho é uma forma de resistência e luta contra o sistema patriarcal e racista que ainda impera em nossa sociedade.

#### **4. ANÁLISE DOS TEMAS NAS OBRAS DAS ARTISTAS ESCOLHIDAS:**

No último capítulo da pesquisa serão analisadas algumas das obras de arte criadas pelas quatro artistas visuais escolhidas. O objetivo principal é observar se estas obras refletem suas lutas enquanto mulheres negras dentro da arte contemporânea. Com isso, cada uma revelará um tema abordado pela artista, que contam suas histórias e normalmente são voltadas para a questão do ser mulher negra na sociedade contemporânea racista, preconceituosa e machista. Será notório como os temas são parecidos entre si e se complementam, como se estivessem falando do mesmo assunto em geral, o que é ser negra no Brasil e todos os fatores envolvidos, como a escravidão, o silenciamento, o tratamento sobre os corpos negros, o racismo e o machismo. São ações que resultam de anos de controle e aprisionamento até os momentos atuais, por mais que agora a busca pela solução se tornou maior.

A primeira artista é Charlene Bicalho, ela possui dois vídeos-instalações denominados “Onde você ancora seus silêncios” (Figura 6), ambos foram gravados no Canal do Porto, no Espírito Santo em 2017. Eles são formados por vídeos digitais em looping de movimentos e no primeiro a artista está dentro de um barco, mesmo desequilibrada e sem porto, somente com

as âncoras que pelo peso também auxiliam para que a água entre dentro dele. De fundo ouve-se uma música de tensão pelo acontecimento.

**Figura 6:** Fotografia da obra “Onde você ancora seus silêncios”, retirada do site da artista, 2017.



**Fonte:** Charlene Bicalho, 2017. Onde você ancora seus silêncios. Disponível em:

<https://charlenebicalho.wixsite.com/charlene/trabalhos>. Acesso em: 9 de março de 2023.

Em “Onde você ancora seus silêncios #2” (Figura 7), a artista está com as âncoras de metal de 6 kg cada, de 65x45 cm e cordas marítimas, primeiramente ela assopra as cinzas no mar e, em cima de uma pedra, lança e recolhe as quatro âncoras repetidamente. A cena foi gravada no canal do Porto, em no Espírito Santo no ano de 2017 e na partida ouve-se um som de calma do rio, depois as ondas vão aumentando e causando um ruído mais alto, acompanhado pelo movimento das âncoras quando são pegas pela artista.

**Figura 7:** Fotografia da “Onde você ancora seus silêncios #2”, retirada do site da própria artista, 2017.



**Fonte:** Charlene Bicalho, 2017. Onde você ancora seus silêncios #2. Disponível em:

<https://charlenebicalho.wixsite.com/charlene/trabalhos>. Acesso em: 9 de março de 2023.

A cena foi gravada no canal do Porto, entre Vila Velha e Vitória, no estado do Espírito Santo, em frente às ruínas de sal e possui a direção, roteiro, direção de produção, elenco e direção de arte da própria artista. Rosana Paulino participou sendo orientadora e curadora, até mesmo na instalação ADAPTAÇÃO/MARGENS DE TI, parte da mostra TENTATIVAS DE SE

ESGOTAR UM LUGAR, onde Charlene busca pesquisar suas descobertas como uma mulher afro-brasileira e seu universo particular.

O trabalho reflete sobre o silenciamento e a opressão do sexismo e do racismo, principalmente nos corpos negros femininos, quando as âncoras são exatamente o peso que essas pessoas carregam durante sua vida e podem ser relacionadas com as âncoras dos navios negreiros. Também fala sobre o apagamento da ancestralidade africana durante o período colonial que ocorreu no mesmo lugar, no Espírito Santo, cidade que a artista também vive.

“Seu silêncio não afogará minha existência” (Figura 8) de 2018 é uma ação do vídeo instalação feita juntamente com Yasmin Ferreira e já citado acima, nela sete âncoras são colocadas sob o foco de luz e são limpadas, novamente enfatizando a discussão sobre os corpos negros que devem ser percebidos por seus silenciamentos do dia a dia. Essas pessoas precisam ter mais visibilidade e atenção, para que possam agir e falar o que almejam sem serem caladas.

**Figura 8:** Fotografia da obra “Seu silêncio não afogará minha existência”, retirada do site oficial da artista, 2018.



**Fonte:** Charlene Bicalho, 2018. Seu silêncio não afogará minha existência. Disponível em: <<https://charlenebicalho.wixsite.com/charlene/trabalhos>>. Acesso em: 9 de março de 2023.

Como citado pela mesma na entrevista, Charlene possui uma websérie documental no Youtube chamada “MULHERES DE RAIZ FORTE” de três episódios, presente no canal Projeto Raiz Forte criado em 2014-2015 que depois transformou-se em um site com diversas temáticas como, por exemplo, a infância, a adolescência, mais especificamente sobre as mulheres negras, como o feminismo negro, aceitação, estética, ancestralidade, silêncios, mercado de trabalho e educação racial e, posteriormente, inspiração para criar instalações.

“Mergulhos em si” (Figura 9) de 2018, ocorrido no Teatro Espanca, em Belo Horizonte, é outra performance de Charlene Bicalho em que ela investiga as suas ancestralidades com seus álbuns fotográficos para saber quem era e quem é, de acordo com as transformações. A

pesquisa deste trabalho iniciou no ano de 2012 com mechas de seu próprio cabelo e auxiliaram para outras exposições coletivas como “Horizonte” (2013-2014) e “Tentativas de esgotar um lugar” (2014-15).

**Figura 9:** Fotografia da obra “Mergulhos em si”, retirada do site oficial da artista, 2018.



**Fonte:** Charlene Bicalho, 2018. Mergulhos de si. Disponível em:

<https://charlenebicalho.wixsite.com/charlene/trabalhos>. Acesso em: 9 de março de 2023.

Rosana Paulino, artista que iniciou na década de 1990, também tinha temas ousados sobre o silenciamento e a violência exercida sobre os corpos negros durante a escravidão no Brasil e que persistem até os dias atuais pela falsa democracia racial brasileira. A costura, aprendida na infância com a mãe, se une a fotografias sobre tecido com métodos criados por ela, na época cursando bacharelado em gravura pela Universidade de São Paulo.

Em “Parede da Memória” (Figura 10), de 1994 a 2015, obra inaugural da artista, que no primeiro ano (1994) imprimiu onze fotos de seus familiares em almofadas de tecido de algodão originalmente em preto e branco, algumas sendo retocadas com aquarelas. Elas são fixadas na parede uma a uma do lado da outra em manta acrílica, com repetidos personagens anônimos, em sua maioria negros, que contam histórias.

**Figura 10:** Fotografia da obra “Parede da Memória”, retirada do site oficial da artista, 1994-2015.



**Fonte:** Rosana Paulino, 1994-2015. Parede da memória. Instalação patuás em manta acrílica e tecido costurados com linha e algodão, fotocópia sobre papel e aquarela

8 x 8 x 3 cm. Disponível em: <https://rosanapaulino.com.br/>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2023.

As peças lembram patuás, que são utilizados no candomblé e correspondem a um orixá, porém no caso acima esses amuletos seriam para o uso da memória coletiva, de vários negros e negras sem nomes, que não são objetos e sim pessoas que merecem serem ouvidas, conhecidas e representadas. No passado não era o que estava acontecendo, cada dia mais os negros eram silenciados como se não pudessem ter voz para se expressarem.

A obra transformou-se em uma exposição individual que ocorreu no ano de 2018 na Pinacoteca de São Paulo, depois de mais de vinte anos de existência com o título “A costura da memória”. Algumas das obras presentes era da série “Tecelãs” (2003), “Proteção extrema contra a dor e o sofrimento” (2011), “Por só ter olhos para você” (2011), “Parede da memória” (1994-2015), “Tudo para a sua felicidade” (1998), “As armas do império”, entre as mais importantes produções da artista.

“Bastidores” de 1997 (Figura 11), aborda esse silenciamento que a mulher negra teve ao longo de sua vida, principalmente durante a escravidão. A obra, de 30 cm de diâmetro, foi feita com imagens transferidas em tecido, bastidores de madeira e linha de costura e nela mulheres que eram da família da artista tiveram seus olhos e bocas costurados. Elas tinham boca e olhos, mas não tinham o direito de falarem nem verem.

**Figura 11:** Fotografia da obra “Bastidores”, retirada da Revista Continente, 1997.



**Fonte:** Revista Continente, 2017. Bastidores. Disponível em:

<<https://revistacontinente.com.br/edicoes/234/rosana-paulino>>. Acesso em: 3 de abril de 2023.

No ano de 1982, alguns anos antes, Leila Gonzalez afirmava que os negros eram considerados infantis por não poderem ter fala própria, semelhante à criança que fala em terceira pessoa e um adulto precisa falar por ela. A filósofa lutava contra o mito da democracia racial, que não era de fato o que acontecia, porém ela tinha o desejo de desconstruir o que existia para que os negros tivessem mais livre arbítrio.

As obras da série “Assentamento” (Figura 12) são instalações feitas em litografia sobre o papel impresso de aproximadamente 180 cm e criadas entre os anos de 2012 a 2018. Elas

apresentam uma temática voltada para a questão da escravidão do corpo negro, sempre desconhecido, com a tarja tapando os olhos e o teor pseudo científico muito criticado pela artista. Entre elas também há duas esculturas de madeira, como se fossem fogueiras, e com vídeos passando ao lado.

**Figura 12:** Fotografia da obra “Assentamento” em exposição, retirada do site oficial da artista, obra de 2012 a 2018.



**Fonte:** Rosana Paulino, 2012-2018. Assentamento. Disponível em: <<https://rosanapaulino.com.br/>>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2023.

Nos meses de novembro a dezembro de 2013, Rosana expôs Assentamento no Museu de Arte Contemporânea de Americana, no interior de São Paulo. A obra é uma instalação em técnica mista (impressão digital, desenho, linóleo, costura, bordado, madeira, paper clay e vídeo), com dimensão variável. A pessoa retratada na imagem é desconhecida, porém foi registrada pela expedição Thayer que foi capitaneada por Louis Agassiz, podendo ser uma parente distante da artista.

Além disso, uma pergunta que fazem é pelo fato das peças estarem costuradas de maneira assimétrica, no qual a artista responde que:

Penso que estas pessoas tiveram que se refazer ao chegar a um mundo totalmente desconhecido de seu local de origem. Imagine, um dia, estar cercado de seus familiares, amigos e em outro estar em um navio negreiro, totalmente insalubre, com gente de variadas etnias e que não falam a sua língua. Ao desembarcar em terras estranhas, há ainda o trauma da escravização. Estas pessoas tiveram que se refazer, mas este “refazimento” nunca é completo! Sobram as marcas deste processo de adaptação, marcas estas que, muitas vezes, foram também transmitidas aos seus

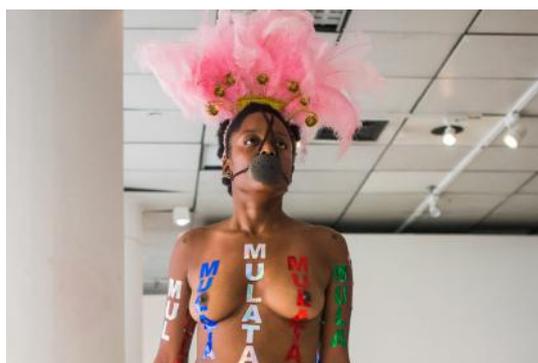
descendentes. Daí as costuras desencontradas, mostrando que um refazer-se completo é tarefa quase impossível. (PAULINO, 2013, p.3)<sup>14</sup>

Já as imagens nos tablets retratam a maneira como eram feitas as viagens, longas, e para uma terra distante e desconhecida para eles. A artista afirma que os povos de origem banto chamavam o oceano de Calunga grande, o cemitério de Calunga pequena e a grande travessia era como se estivessem meio mortos e enterrados vivos, como diz Carlos Eugenio Marcondes de Moura.

Os fardos de braços e madeiras é por conta que as pessoas do tráfico escravista são consideradas como “lenha para se queimar”, pois quando eram quebradas podiam ser substituídas rapidamente por outras. A expectativa de vida de um escravo nascido no Brasil era apenas de 19 anos, mesmo que o normal dos brasileiros não passasse de 27 anos na época, ainda assim era uma situação tão rigorosa que quando trazidos da África para o Brasil eles sobreviviam somente em torno de cinco anos.

Semelhantemente e sobre o tempo presente, Priscila Rezende desenvolve o trabalho performático “Vem...pra ser infeliz” (Figura 13) de 2017, inspirada na música de Carnaval intitulada “Globeleza” composta por Jorge Aragão. A intenção da artista é mostrar o corpo negro como exposto de forma sexualizada para que seja esteriotipado, a imagem dessas mulheres ser sempre alvo de objetificação e assédio perante os homens.

**Figura 13:** Fotografia da obra “Vem pra ser infeliz...”, retirada do site oficial da artista, 2017.



**Fonte:** Priscila Rezende, 2017. Vem pra ser infeliz... Disponível em: <<http://priscilarezendeart.com/>>. Acesso em: 9 de março de 2023.

Nessa performance, Priscila dança com uma máscara de Flandres tapando sua boca sem parar até chegar em seu momento de exaustão, isso associa até mesmo ao período de escravidão em

<sup>14</sup> Citação presente no texto “Educativo”, escrito por Rosana Paulino no ano de 2013 sobre a exposição “Assentamento”.

que os escravos utilizavam a mesma máscara para serem torturados. A artista critica a forma com que no século 21 toda a questão já conhecida desse período de tormento permanece na vida das pessoas negras.

Ela está nua e em seu corpo está escrito diversas vezes com fita adesiva colorida a palavra MULATA e em sua cabeça utiliza uma tiara de carnaval, como um cocar para lembrar do momento passado. Portanto, Priscila mostra através dessa performance como a crueldade do racismo está presente até hoje na sociedade, mesmo que de formas mais sutis e não tão aparentes como antes.

Um complemento para esse conteúdo é outra performance dela chamada “Gênesis 09.25” de 2015 presente na Figura 14, onde a artista está apenas com calça comprida preta e sem o restante de sua vestimenta, pulsos amarrados com corda e outra pessoa convidada açoita seu corpo enquanto toca os sinos da igreja católica. Novamente é relembrado o período de escravidão no qual o escravo sofria diversas violências, físicas ou não.

**Figura 14:** Fotografia da obra “Gênesis 09.25”, retirada do site oficial da artista, 2015.



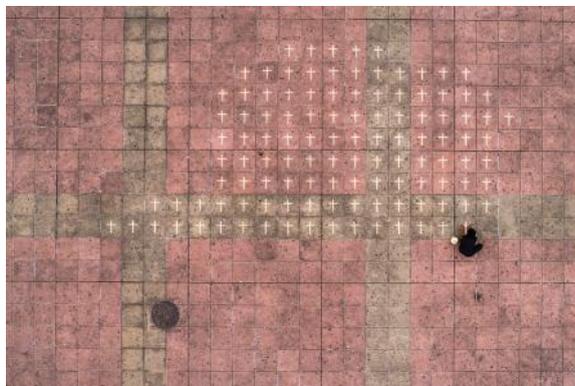
**Fonte:** Priscila Rezende, 2015. Gênesis 09.25. Disponível em: <priscilarezendeart.com>. Acesso em: 9 de março de 2023.

Mais uma vez a artista tem um olhar crítico, agora mais direcionado para a igreja católica pelo versículo da bíblia que diz “E disse: ‘Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos.’” pois questiona a escravidão dos povos africanos nas Américas. Além disso, fala sobre a expurgação dos pecados, a dominação, a salvação, a purificação do paganismo e a ausência de alma para os cristãos ou não cristãos.

A exploração é um tema recorrente em suas obras, até mesmo citando seu Estado natal de Minas Gerais, a artista cria a obra “Minas” (Figura 15) em 2018 para mencionar como o lugar teve sua principal atividade como a mineração durante o período colonial brasileiro e sendo o maior enriquecedor das colônias que vieram e dos colonizadores. Ali muitos escravizados

foram trazidos da África como forma de exploração e eram conhecidos como “escravos minas”.

**Figura 15:** Fotografia da obra “Minas”, retirada do site oficial da artista, 2018.



**Fonte:** Priscila Rezende, 2018. Minas. Disponível em: <[priscilarezendeart.com](http://priscilarezendeart.com)>. Acesso em: 9 de março de 2023.

A performance "Minas", que teve ação realizada no Sesc 24 de Maio e pesquisa feita em Londres, utilizou de 2.888 mini barrinhas banhadas a ouro e a artista constrói com elas 192 cruzes que formavam no final o mapa do Estado de Minas Gerais. Isso retrataria as quase 200 mil vidas escravizadas naquele ambiente, que não tiveram chance de escolha e morreram sem poderem ter uma vida digna, apenas para o deleite de alguns.

Charlene Bicalho, Winny Rocha e Priscila Rezende citam a cidade na obra “Ouro Preto: Rotas de fuga” (Figura 16) de 2017, uma performance sobre as rotas que a população negra teve e até hoje passa para aceitar sua estética capilar, que para muitos é a parte mais importante do corpo. Nela os participantes vestem roupas vermelhas e pretas, em frente ao Museu da Inconfidência Mineira, e enchem o cabelo um dos outros de pepitas.

**Figura 16:** Fotografia da obra “Ouro Preto: Rotas de Fugas”, retirada do site oficial da artista, 2017.



**Fonte:** Charlene Bicalho, 2017. Ouro preto: Rotas de fugas. Disponível em: <https://charlenebicalho.wixsite.com/charlene/trabalhos>. Acesso em: 6 de abril de 2023.

Cada dupla escolhe uma rota de fuga e presenteia as pessoas pelo caminho com as pepitas que são retiradas do cabelo e interagindo com o público e durante a caminhada são deixados rastros pela cidade. O propósito é mostrar que o cabelo é nossa maior riqueza e não há necessidade de não aceitar essa parte do corpo, se sentir inferior, pois todo o corpo é parte essencial da vida e cada um possui o seu.

Novamente Charlene e Priscila trabalham juntas com a obra chamada “Bombрил” (Figura 17) em 2010 a 2015, performance e série fotográfica inicialmente criada por Priscila e integrada a proposta de arte educação da instalação “Adaptação | Margem de Ti” de Charlene Bicalho. Durante uma hora a artista esfrega uma determinada quantidade de objetos metálicos e domésticos no cabelo como se estivesse lavando-os.

**Figura 17:** Charlene Bicalho e Priscila Rezende na performance “Bombрил”, retirada do site oficial de Charlene Bicalho, 2014.



**Fonte:** Charlene Bicalho, 2014. Bombрил. Disponível em: <https://charlenebicalho.wixsite.com/charlene/bombрил2014>. Acesso em: 3 de maio de 2023.

A intenção não era dar ainda mais nome a marca de produtos de limpeza, mas sim denunciar as pessoas que utilizam dessa palavra para darem apelidos pejorativos ao cabelo dos negros. Diversas palavras são lembradas pela população brasileira quando querem se referir às pessoas que não são brancas, como cor do pecado, trabalho de preto, inveja branca, entre outras.

Essa versão coletiva ocorreu inicialmente no Mucane (Museu Capixaba do Negro) pela oficina “Identidade e Afrontamento” que ministrada por Priscila e foi até o Museu de Arte do Espírito Santo - Dionísio Del Santo (Maes) com a apresentação das artistas capixabas: Charlene Bicalho, Jaqueline Loureiro, Tatiana Rosa e Elaine Vieira. O mais interessante era

ver que a maioria do público eram pessoas brancas, de olhos claros, ou seja, os maiores causadores que emanam dessas palavras.

No filme documentado de 2021-2022 intitulado “Rolê - História dos rolezinhos”, também fala da manifestação feita por pessoas de periferia e negras inicialmente em São Paulo devido a proibição de suas presenças nos ambientes como shoppings. De início era apenas um passeio marcado entre a juventude negra para passeio, mas vendo o preconceito e racismo causado decidem manifestar-se.

Faz parte de uma organização anti racismo e machismo, como o Movimento Vidas Negras Importam, que almeja mostrar como os negros são tratados em diversos lugares de forma violenta, podendo até mesmo serem mortos, só pela pretensão de quererem habitar em lugares que foi majoritariamente feito para os brancos e ricos. Suas intenções são para sua diversão, porém é revelado toda a reação causada não apenas por seguranças, como funcionários em geral com a chegada dos negros nesses, discriminando-os e excluindo-os.

Priscila Rezende participa contando de sua história como negra na escola, que recebia comentários por ter o cabelo crespo e quando alisou foi questionada da onde ela tirou dinheiro para isso. Além disso, o filme conta outras histórias de pessoas da periferia, que são sobretudo negros, de diversas partes do Brasil que sofreram com atitudes semelhantes e não conseguiam ter voz para falar.

Em outra cena a artista entra em um shopping vestida de doméstica como performance para saber a reação das pessoas. O segurança, como de costume, estava a cercando e a observando de perto então ela decide entrar em uma loja de jóias e provar brincos e anéis com uma atendente branca. Em seguida é apresentada a performance “Bombril”, criada neste mesmo período pela artista, em que a artista se olha no espelho e puxa seu cabelo desesperadamente.

Essa obra foi inspirada por uma situação ocorrida pela Thayná, que foi ao shopping comer e um dos funcionários diz “patrocina sua lã”, ocasionando no trauma que ela e outras mulheres negras sentem por sua fisionomia e ocupação. Então, Priscila decide criá-la, gravar individualmente e depois se juntar a outras mulheres que contam suas histórias semelhantes em uma roda, como o momento difícil da transição capilar, apresentando também nas ruas e dentro de shoppings.

Ainda sobre o corpo das mulheres ou o corpo negro, teremos a obra de Sônia Gomes na exposição individual chamada “O mais profundo é a pele” (Figura 18) que foi feita no ano de 2022 e exposta na Galeria Pace, situada em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Por meio da costura, a artista tenta criar obras esculturas que falem sobre o ser negro e o meio ambiente, ou seja, uma nova forma de criar esculturas.

**Figura 18:** Vista da instalação “O mais profundo é a pele”, retirada do site oficial da Pace Gallery, 2022.



**Fonte:** Pace Gallery, 2022. O mais profundo é a pele. Disponível em:

<https://www.pacegallery.com/exhibitions/sonia-gomes-o-mais-profundo-e-a-pele/>. Acesso em: 6 de abril.

Sônia fala da importância da pele pois ela traz consigo questões históricas, culturais e sociais, como o período de dominação e colonialismo no século XIX. Ali muitos tipos de pele eram encontradas: a negra, a branca e a indígena. Feitos com arames, tecidos de segunda mão, doados e reaproveitados, mobília, troncos e outros materiais, ela pretende costurar como se desenhasse, com gestos, formas e equilíbrios presentes no desenho e na escultura.

Conforme o tema, Rosana Paulino e Priscila Rezende participaram da exposição “Um defeito de Cor” no Museu de Arte do Rio (MAR) entre os anos de 2022 e 2023. O título vem do livro de mesmo título da escritora Ana Mae Gonçalves, que completou 16 anos em 2022. Ele conta a história de uma mulher africana chamada Kehinde que vem ao Brasil e precisa lutar pela sua liberdade e para construir uma nova vida, remetendo à história de Luísa Mahin.

A curadoria da exposição é da própria autora do livro, juntamente com Amanda Bonan e Marcelo Campos e abordam histórias do Brasil e da África, com cerca de 400 obras de artes, como desenhos, pinturas, vídeos, esculturas e instalações. O título era um conceito do século XIX exigido para liberação racial, como se fosse um defeito dos negros, indígenas e das pessoas racializadas.

Com isso, Rosana Paulino cria as ilustrações da nova edição de 2022 presente na Figura 19, o que antes seriam apenas obras da artista no início dos capítulos, passa a ocupar a sobrecapa, guarda do livro, contracapa e abertura dos capítulos. No final foi colocada a instalação “Parede de memória” da artista, com as diversas fotos de patuás de homens e mulheres negras costurados com linhas de algodão.

**Figura 19:** Livro “Um defeito de cor” com ilustrações de Rosana Paulino, Ana Maria Gonçalves. 2022.



**Fonte:** Rosana Paulino, 2022. Livro “Um defeito de cor”. Disponível em:

<https://rosanapaulino.com.br/2022/09/22/livro-um-defeito-de-cor/>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

Diversas obras da artista foram expostas no MAR como as da série “Models” (1995), série “Autoretratos com máscaras africanas” (1997-1998) e “Assentamento 2” (2012), que falam do corpo negro e da história da África. Inspirada na obra “Parede de Memória” (1994-2015) é exposta até mesmo uma obra chamada “Saluba Rosanas (Baiana Beija-Flor)” da Imagem 20, feita no ano de 2022 por Alexandre Louzada e André Rodrigues e acervo da Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis.

**Figura 20:** Obra presente na exposição “Um defeito da Cor”, Museu de Arte do Rio, retirada da galeria pessoal, em 2022.



**Fonte:** Galeria pessoal de fotos, 2022. Saluba Rosanas, Museu de Arte do Rio.

Assim sendo, a artista por sua longa jornada dentro da arte, é inspiradora para outras pessoas e também possui inspiração para criação de suas artes. Esse é um dos intuitos da arte, recriar

e expandir, utilizando as artes anteriores como forma de continuação da história ou para refazer novos tipos de arte em cada época, lugar ou situação.

Nesta mesma exposição, Priscila Rezende expõe a instalação chamada \_\_\_\_\_ (ou Abscência) (Figura 21) de 2022, a mesma que a artista cita na entrevista que teve assistência de produção. Foi inspirado na obra “All of which are american dreams” (Figura 22) de 2018 da residência em que ela participou na Art Omi, em Nova Iorque e o título foi obtido de uma música da banda Rage Against the Machine.

**Figura 21:** Obra “Abscência” ou “\_\_\_\_\_” de Priscila Rezende presente na mesma exposição, foto retirada da minha galeria pessoal, 2022.



**Fonte:** Galeria pessoal de fotos, 2022. Abscência.

**Figura 22:** Obra de Priscila Rezende presente na Art Omi, retirada do site oficial da artista, 2018.



**Fonte:** Art Omi, 2018. All of which are american dreams. Disponível em:

<<http://priscilarezendeart.com/projects/all-of-which-are-american-dreams-2018/>> Acesso em: 23 de março de 2023.

Ambos os trabalhos criticam a violência causada contra a população negra, seja nos Estados Unidos como no Brasil, sobretudo por policiais, e falam do espaço vazio causado por essas mortes injustificáveis. Nelas são colocadas diversas camisas que foram escolhidas a partir de uma pesquisa da artista sobre as vestimentas que as vítimas estavam usando no momento da morte, sendo uniformes escolares e de times, do presidente Barack Obama e etc.

O corpo negro é um assunto frequente para essas mulheres. Charlene Bicalho, por exemplo, produz “CorpoObra” (Figura 23) em 2018, uma performance sobre o corpo negro enquanto obra que é frequentemente construída e fragmentada de várias maneiras pela sociedade brasileira. Ela usa o corpo quase totalmente nu e aplica folhas de ouro em sua pele, havendo interação com o público presente e foi apresentado no Teatro Universitário da Universidade Federal do Espírito Santo.

**Figura 23:** Charlene Bicalho em performance de “CorpoObra”, presente no site oficial da artista, 2018.



**Fonte:** Charlene Bicalho, 2018. CorpoObra. Disponível em:

<<https://charlenebicalho.wixsite.com/charlene/corpoobra2018>>. Acesso em: 29 de março de 2023.

Em 1970, algo semelhante é feito por António Manuel, na qual o artista apresenta seu corpo como obra de arte chamada de “O corpo é a obra” para o júri do 19º Salão Nacional de Arte Moderna com as medidas do seu corpo e sendo rejeitado. Depois veio a obra "Corpo Obra", feita com uma caixa vertical de madeira, de dois metros de altura, com o artista nu no Museu de Arte Moderna (MAM-RJ). Seu pênis estava censurado por uma tarja preta com o título da arte.

A diferença entre as duas é principalmente a de ser um homem branco, com o mínimo de reconhecimento para poder participar de um grande evento de arte, mesmo acabando sem ser

aceito. Ele não era brasileiro, nasceu em Portugal, mas desde pequeno teve oportunidades de estudar arte. Já Charlene Bicalho, brasileira, mulher e negra, não possui os mesmos direitos desde a infância.

Outro tema recorrente é o familiar, em muitas obras elas falam sobre os traumas causados dentro desse ambiente, como as violências, demandas, solidão, dominação e abusos. “O banquete” (Figura 24) de 2019 de Priscila Rezende ressalta esses tópicos de maneira a condená-los, nele as mulheres artistas revisitam os lares e cortam, descascam e cozinham os alimentos que têm o formato parecido com um pênis.

**Figura 24** Fotografia de Daysi Serena, retirada do site oficial da artista Priscila Rezende, 2019..



**Fonte:** Priscila Rezende, 2019. O banquete. Disponível em:

<<http://priscilarezendeart.com/projects/o-banquete-2019/>>. Acesso em: 29 de março de 2023.

Ao fundo é executado áudios com histórias reais sobre a violência machista, os abusos emocionais, psicológicos e físicos que mulheres viveram enquanto elas cortam alimentos como berinjela, banana, pepino, cenoura, salsicha, linguiça e mandioca. Ao final todo o alimento é oferecido ao público presente.

“Vindita” (Figura 25) criada em 2022, bastante similar, é feito por uma série fotográfica com sessenta imagens onde a mulher expressa sua angústia, em meio aos traumas e frustrações pelas violências vividas, nos alimentos que têm a forma de um falo. Essas obras demonstram também a questão do eufemismo masculino a partir de palavras para descreverem seu próprio corpo e chamarem atenção.

A artista americana Judy Chicago criou entre os anos de 1974 a 1979 uma obra relacionada com a de Charlene seria “The Dinner Party” (em português seria “O banquete” ou “O jantar”), contando com um livro e um filme sobre o tema. A instalação é de uma mesa triangular de 14 metros e 39 cadeiras de tamanho real, treze em cada lado do triângulo.

**Figura 25:** Fotografia própria da artista, retirada de seu site oficial, 2022.



**Fonte:** Priscila Rezende, 2022. Vindita. Disponível em: <<http://priscilarezendeart.com/projects/vindita-2022/>>.

Acesso em: 29 de março de 2023.

Isso significa a igualdade, as 39 figuras míticas e femininas, como as deusas da fertilidade, a rainha-faraó Hatshepsut e a rainha inglesa Elizabeth I e em cada lugar está escrito em bordado dourado o nome de cada uma das homenageadas, reservado para elas. Diferentemente da primeira obra, esta quer exaltar muitas mulheres empoderadas, reais ou não, que foram importantes para a construção da história da humanidade.

Todo esse conteúdo artístico é, ao mesmo tempo, um significado de revolta e agradecimento. O primeiro e o segundo de fato são situações pelas quais as mulheres revelam estar fatigadas de se submeterem a homens, tanto que querem cortar suas partes genitais que normalmente são utilizadas para apenas a satisfação deles. A última artista, com o título parecido em sua obra, decide ser grata pelas mulheres que tiveram histórias (reais ou não) e que são usadas até os dias atuais como inspiração para outras.

Ainda sobre Priscila, teremos o vídeo “Minha nuvem” (Figura 26) de 2020 com a temática em volta da solidão, quando a artista faz um curta metragem experimental de nove minutos e dois segundos dela em frente a um espelho. Nele reflete não somente sobre o ser mulher negra, porém todos os pensamentos e dúvidas frequentes consigo mesma, revelando como uma mulher pode sofrer não apenas por sua estética mas pelo pensar.

Daniela Mattos, artista e educadora brasileira nascida em 1977, trabalhou com o mesmo tema na obra “Make Over”, onde ela performatiza com batons, espelhos, isqueiro e cigarro uma mulher narcisista. Começa se arrumando normalmente, passa batom na metade do rosto como um palhaço e, por fim, no rosto todo parecendo uma pomba-gira. A criação é toda registrada em uma polaroid, em cada fase desse processo, que torna-se primeiramente normal, até o irônico e o non-sense.

**Figura 26:** Priscila se olhando no espelho para seu videoarte, retirada do site oficial da artista, 2020.



**Fonte:** Priscila Rezende, 2020. Minha nuvem. Disponível em:

<http://priscilarezendeart.com/projects/minha-nuvem-2020/>. Acesso em: 29 de março de 2023.

A arte ocorreu no ano de 2006 na exposição “Conversations” pela Galeria SKUC, na Eslovênia, na mostra “Verbo” presente na Galeria Vermelha, em São Paulo, e na mostra “Contemporâneo” no Oi Futuro, no Rio de Janeiro. Em 2016 houve sua segunda versão no MAMAM (Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães) no Pátio, em Recife.

Outra performance que lembra a obra “Nuvem” de Priscila Rezende é a de Marina Abramovic (nascida na Sérvia, no ano de 1970) com a obra de arte “Art must be beautiful”, que esteve exposta em 2010 na Galeria Lisson, em Londres. Nela a artista penteia constantemente seu cabelo durante muito tempo, porque o pensamento era de que os artistas e a arte deveriam ser belos, sua intenção era desconstruir isso destruindo seu cabelo e rosto.

“Nau Frágil” (Figura 27) de 2019 foi realizada na cidade de Poznan, na Polônia, e depois no teatro Ballhaus Naunynstrasse em Berlim, Alemanha, dois lugares distintos que revelam diversas reflexões. Além disso, a obra fala de dois momentos diferentes, no passado e no presente, com a artista ilhada juntamente com um barco cheio de rosas vermelho escuro, contornado de rosas brancas com espinhos e um espaço onde a artista caminha.

A ilha é cercada por arames farpados, lembrando um lugar que priva a liberdade, como os campos de concentração e presídios, e dentro dela a artista oferece flores vermelhas ao público, retiradas de dentro do barco branco. Isso faz com que reflitam sobre as relações com os corpos que foram castigados, que buscavam refúgio e foram mortos durante a caminhada entre o continente Africano, as Américas e a Europa.

**Figura 27:** Fotografia de Adam Ciereszko, retirada do site oficial de Priscila Rezende, 2019.



**Fonte:** Priscila Rezende, 2019. Nau frágil. Disponível em:

<http://priscilarezendeart.com/projects/nau-fragil-2019/> . Acesso em: 22 de março de 2023.

“Atlântico Vermelho” feita em 2016-2017 por Rosana Paulino foi uma exposição individual ocorrida na Galeria Superfície, em São Paulo, no qual a artista inicialmente faz uma pesquisa sobre as questões sociais, étnicas e de gênero do negro ou mulher negra na sociedade brasileira. Até mesmo uma de suas obras possui o título (Figura 28), sendo a exposição realizada a partir de um conjunto de desenhos e obras feitas em tecido que colocam em discussão as noções tradicionais da história e dos gêneros artísticos.

Ela se apropria de materiais do fazer que são conhecidos no universo feminino, como a costura, e coloca elementos da violência juntamente com uma visão diferenciada, além de imagens científicas do corpo humano como um crânio, um coração e o corpo visto por um raio X. Assim, são lembradas situações do passado como atuais, mostrando que ainda não foram resolvidas por completo e deveriam ter sido.

“O amor: modos e usos” é uma exposição de 2011 e localizada no Ateliê Oço - Galeria Cinesol, também em São Paulo, que Rosana criou com o dinheiro público investido em seu trabalho e tem como objeto de pesquisa o amor, as questões raciais e de gênero. Nele são usados técnicas não habituais da arte como o desenho, gravuras e esculturas, e sim grafites e aquarelas sobre o papel.

**Figura 28:** Obra da exposição “Atlântico Vermelho”, Impressão digital sobre tecido, recorte e costura, 127,0 x110,0 cm, 2016-2017.



**Fonte:** Rosana Paulino, 2016-2017. Atlântico Vermelho. Disponível em:

<https://rosanapaulino.com.br/multimedia/atlantico-vermelho/>. Acesso em: 3 de abril de 2023.

Ainda sobre as emoções, Sônia Gomes faz a obra "Lágrima" (Figura 29) finalizada durante a pandemia e exposta em 2020 pela Mendes Wood DM em uma exposição individual na Rua da Consolação, em São Paulo. Ela foi criada num fundo de tecido azul com detalhes brancos e dentro um recorte como de uma lágrima com formas, cores e texturas diversas. Além disso, é utilizada a costura, como de costume da artista, adicionada pela encadernação dos tecidos, rendas e bambu.

**Figura 29:** Obra “Lágrima” de Sonia Gomes, costura e encadernação em diferentes tecidos, rendas e bambu, 230 x 160 x 22 cm, Premio Pipa, 2020.



**Fonte:** Premio Pipa, 2020. Lágrimas. Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/pag/sonia-gomes/>>. Acesso em: 9 de março de 2023.

O processo de destruição para construção dos objetos é típico em suas obras, sendo rasgados, amassados e quebrados para então ganharem forma. A artista se vê livre para gerar movimentos, sentidos e direções em suas obras, que nem sempre possuem um modo fixo de estar nas exposições. Ela lembra de como é perdido o controle sobre as histórias vivenciadas e a materialização dos sentimentos, sobre a obra “Lágrima”, ela afirma:

Só foi possível dar nome a esta obra quando ela foi concluída. Comecei a refletir sobre o nome e a partir da forma da gota me veio a palavra Lágrima. Ela foi concluída na primeira quinzena de março de 2020, a última obra concluída antes do isolamento social. Fechamos o ateliê com ela exposta na parede por dois meses. O mais interessante é que este foi o último trabalho que fiz antes da pandemia. Mal poderia imaginar que o mundo fosse chorar tanto.<sup>15</sup> (GOMES, 2021, Mendes Wood DM)

Posteriormente, a artista foi convidada para participar de uma exposição individual intitulada “Ainda assim me levanto” no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e no Casa de Vidro de 2018 a 2019, na qual ela utilizou de suas obras da série Raíz (Figura 30). Sonia Gomes se apropriou de troncos e raízes encontrados, passando a utilizá-los depois em numerosas obras (Figura 31), além disso fez instalações nos troncos do próprio ambiente em que foram expostas.

---

<sup>15</sup> Citação retirada do site Mendes Wood DM de uma fala da artista Sônia Gomes em março de 2021.

**Figura 30:** Vista da exposição no MASP, retirada do site oficial do museu, 2019.



**Fonte:** Museu de Arte de São Paulo, 2019. Ainda assim me levanto. Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/sonia-gomes>. Acesso em: 9 de abril de 2023.

**Figura 31:** Obra “Sem Título” da série Raízes, tronco de árvore, tecidos diversos e linha de algodão, 73 x 153 x 60 Premio PIPA, 2021.



**Fonte:** Premio Pipa, 2021. Raízes. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/pag/sonia-gomes/>. Acesso em: 9 de março de 2023.

Outro objeto muito utilizado por ela são as gaiolas, na qual a artista diz no canal do Sesc Tv achar bonito, porém não gosta da sua função de prender, então acaba destruindo, quebrando e construindo obras que remetem à ideia de liberdade. Uma obra com essa característica é “Oratório” (Figura 32) de 2012, que também destina-se à questão religiosa de estar aprisionado.

A galeria que a representa, Mendes Wood DM, localizada em São Paulo, realizou a terceira exposição de Sonia Gomes neste espaço. O título era “Linhas em tramas” pois, segundo uma publicação de 2016, os objetos doados ou encontrados provocaram essa trama na artista e transformaram-se em esculturas. Esses objetos levam consigo histórias, que são respeitadas ao extremo sempre com a estética que ela adotou.

**Figura 32:** Gaiola que a artista utilizou para criar a obra “Oratório”, técnica mista, dimensões variadas, Prêmio PIPA, 2012.



**Fonte:** Prêmio Pipa, 2012. Oratório. Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/pag/sonia-gomes/>>. Acesso em: 9 de março de 2023.

A principal obra era “Tecendo aManhã” (Figura 33), com três camisolas que foram doadas por um amigo, pois iriam vender a casa e sua mãe decidiu ceder várias peças do enxoval para Sônia, sabendo que seriam reutilizadas. Elas foram penduradas como suportes e desenhados com linhas, alfinetes, bordados e etc, depois penduradas no teto da galeria com fios de pipas. Há sempre uma preocupação da artista em querer dar movimento às suas obras e não causar rigidez, como neste caso.

A semelhança percebida ao observarmos essas obras em geral e pensá-las em conjunto, como se todas estivessem interligadas é inevitável, elas se complementam a ponto de sugerirem a continuidade ao texto por suas semelhanças. As performances possuem temas parecidos acerca da história dos negros e das mulheres na sociedade passada e atualmente, assim como as costuras de Rosana Paulino e Sonia Gomes possuem interligações ao citarem o mesmo objeto de estudo em seus trabalhos.

**Figura 33:** Obra de Sonia Gomes na galeria Mendes Wood DM, costura, amarrações, tecidos e rendas variadas, 193 × 61 × 12 cm, São Paulo, 2016.



**Fonte:** Mendes Wood DM, 2016. Tecendo a Manhã. Disponível em:  
<<https://mendeswooddm.com/pt/artist/sonia-gomes>>. Acesso em:

Assim, é perceptível como as obras de arte são construídas com o propósito de fomentar informações sobre o que é ser negro principalmente em um país preconceituoso como o Brasil e transparecer todo o racismo e machismo que aqui ocorrem. Igualmente, refletem a luta dessas e de todas as mulheres negras, não apenas no Brasil mas no mundo em geral, que ainda são vítimas de violências e desigualdades.

São formas de demonstrar toda a questão de insatisfação do povo negro, sobretudo mulheres, que percorrem diversos momentos da vida, trazendo consigo tristeza, dores e traumas. Porém a maior intenção é serem percebidos como pessoas, não como objetos ou diferente do ser humano, que são usados, descartados ou desrespeitados. Humanizar a luta dos negros também é entender que a igualdade é mais do que um direito.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A conclusão desta pesquisa inicia-se pela percepção de que as obras das artistas escolhidas refletem de maneira orgânica e homogênea seus temas, relacionados com suas histórias, ancestralidade, silenciamentos e lutas em geral, mesmo na contemporaneidade onde a liberdade tornou-se um pouco mais elevada vista de fora. Isso faz com que o entendimento de que o passado ainda permaneça nos dias atuais, apesar de todas as conquistas que os negros já tiveram desde o período da escravidão.

No início não houve tanta facilidade em escolher cada artista e as suas artes devido a seleção feita, porém logo após a sensação foi de que todas elas se complementaram da maneira devida, naturalmente. Além disso, não há uma quantidade grande o suficiente de textos que dissertem sobre o assunto, somente nos sites oficiais das artistas e de artes em geral que são mais biográficos, como os museus em que expuseram, e mesmo assim, não falavam muito dos temas principais abordados.

Ao mesmo tempo em que, novamente citando, eles possuem uma enorme homogeneidade por terem temas em comum sobre as mulheres artistas negras no Brasil pela arte contemporânea e escolhê-las como objeto de pesquisa foi fundamental. A luta das mulheres negras não é atual, é uma questão antiga que não foi desfeita na contemporaneidade e causa o reflexo em diversas áreas da vida humana.

O estudo inicial e mais teórico sobre o que é ser negro e o que é ser mulher artista visual negra do Brasil instruiu não apenas para a introdução do texto mas para o desenvolvimento e conclusão comumente. Sendo também um momento de aprendizado das questões históricas do passado até o presente momento de um mundo todo comparado a uma parte, apenas um país, a partir das leis que possuem essa temática.

A construção do capítulo seguinte foi recompensadora por ser tratar ainda mais especificamente das mulheres artistas visuais na arte contemporânea no Brasil, antes sendo de maneira geral. Nele são utilizadas as entrevistas feitas com as artistas escolhidas para que houvesse ainda mais veracidade e autenticidade a partir de suas próprias visões e palavras sobre o tema desenvolvido.

Com isso, as entrevistas foram auxiliadoras para que o trabalho estivesse ainda mais completo, com as próprias mulheres dizendo seus pensamentos e experiências dentro das artes visuais, assim como as suas obras no último capítulo que ajudaram a conhecer melhor seus processos criativos e as razões pelas quais utilizam temas recorrentes e parecidos entre si, que se complementam.

As obras de arte também contaram cada temática baseada em suas perspectivas sobre o mundo e seus cercamentos, suas memórias, o passado e o reflexo com o presente, o racismo, o machismo e a desigualdade social. Em muitos casos essas artistas utilizam a arte como forma de denúncia, protesto social e por um meio de expressão de suas experiências de vida e sentimentos como mulheres negras.

O fato é que Rosana Paulino, Charlene Bicalho, Priscila Rezende e Sonia Gomes, por exemplo, usufruem de técnicas e materiais que fazem referências não só culturais mas também históricas da população negra em geral, nas suas performances e em suas artes em geral. Isso demonstra que todas as suas insatisfações e observações sobre o mundo são relevantes para que haja transformações nesses aspectos.

Portanto, o trabalho em si será não somente contribuidor para a autora e sim para todos que tiverem uma pesquisa voltada para este assunto, que está cada dia mais atual e falado nos ambientes acadêmicos, sobretudo das artes. Portanto, será um canal de análise para outras pessoas que tiverem interesse nas mulheres artistas visuais negras da arte contemporânea e que pertencem ao Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMORIM, J. N.; LOPONTE, Luciana Gruppelli. As mãos de ouro de Sônia Gomes: costura e memória. Arte Versa, 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/artevera/as-maos-de-ouro-de-sonia-gomes-costura-e-memoria/>>. Acesso em: 6 de abril de 2023.

APOTHEKE, R. Entrevista com Rosana Paulino. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 2, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/7420>>. Acesso em: 4 maio. 2023.

BERMÚDEZ, Ángel. A história brutal e quase esquecida da era de linchamentos de negros nos Estados Unidos. BBC, 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43915363>>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2023.

CHARLENE Bicalho. Charlene Bicalho - Trabalhos. Wix Site, s.d. Disponível em: <<https://charlenebicalho.wixsite.com/charlene/trabalhos>>. Acesso em: 9 de março de 2023.

GABLER, LOUISE. Academia Imperial de Belas Artes. An Mapa, 2015. Disponível em <<http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/243-academia-imperial-de-belas-arte-s>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2023.

GEBRIM, Juliana. O assédio e o abuso contra mulher. Gran Cursos Online, 2022. Disponível em: <<https://blog.grancursosonline.com.br/o-assedio-e-o-abuso-contr-a-mulher/>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2023.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509709/mod\\_resource/content/0/06%20-%20GONZALES%2C%20L%2C%A9lia%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura\\_Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509709/mod_resource/content/0/06%20-%20GONZALES%2C%20L%2C%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf)>, Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

LÁGRIMA. Mendes Wood DM, s.d. Disponível em: <<https://mendeswooddm.com/pt/exhibition/lagrima>>. Acesso em: 9 de março de 2023.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. Tramas feministas na arte contemporânea brasileira e argentina: Rosana Paulino e Claudia Contreras», Artelogie, 2013. Publicado em 16 de Outubro de 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/artelogie/5163>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2023

MINUTO, Ana. Opinião: Como é ser uma mulher preta no Brasil. Meio e Mensagem, 2022. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/opiniaio/como-e-ser-uma-mulher-preta-no-brasil>>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2023.

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

NOCHLIN, Linda. Por que não houve grandes mulheres artistas?. Tradução de Juliana Vacaro. São Paulo: Edições Aurora, 2016.

OLIVEIRA, Daniele. Direito das mulheres ao voto completa 90 anos no Brasil; São Paulo tem lei para celebrar data. Alesp, 2022. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=434263#:~:text=O%20direito%20ao%20voto%20pelas,no%20in%C3%ADcio%20do%20s%C3%A9culo%2020>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2023.

OLIVEIRA, F.. Ser negro no Brasil: alcances e limites. Estudos Avançados, v. 18, n. 50, p. 57–60, jan. 2004.

PRISCILA Rezende. Trabalhos. Priscila Rezende Art, s.d. Disponível em: <<http://priscilarezendeart.com/#trabalhos>> . Acesso em: 22 de março de 2023.

QUINTELLA, Pollyana. Rosana Paulino. Revista Continente, 2020. Disponível em: <<https://revistacontinente.com.br/edicoes/234/rosana-paulino>>. Acesso em: 3 de abril de 2023.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSANA Paulino. Rosana Paulino, s.d. Disponível em: <<https://rosanapaulino.com.br/>>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2023.

ROSANA Paulino. Mendes Wood DM, s.d. Disponível em: <<https://mendeswooddm.com/pt/artist/rosana-paulino>>. Acesso em: 9 de março de 2023.

SANTOS, Ale. A definição do preto ou do negro no Brasil é maior que as pessoas imaginam. Mundo negro, 2020. Disponível em: <<https://www.escriitoriodearte.com/artista/tarsila-do-amaral>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2023.

SESC Tv. Sônia Gomes. Youtube, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CTOEra2Cbho>>. Acesso em: 19 de abril de 2023.

SILVIO, Almeida. Racismo estrutural. Academia.edu, 2019. Disponível em: <[https://www.academia.edu/85013773/SILVIO\\_ALMEIDA\\_RACISMO\\_ESTRUTURAL](https://www.academia.edu/85013773/SILVIO_ALMEIDA_RACISMO_ESTRUTURAL)>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2023.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. A difícil arte de expor mulheres artistas. Scielo, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/tL8hp55DYMkdVGBThw56d3G/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2023.

SÔNIA Gomes. Mendes Wood DM, s.d. Disponível em: <<https://mendeswooddm.com/pt/artist/sonia-gomes>>. Acesso em: 30 de março de 2023.

SÔNIA Gomes. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa330138/sonia-gomes>. Acesso em: 10 de março de 2023.

SÔNIA Gomes - Prêmio Pipa. Prêmio Pipa, s.d. Disponível em: <<https://www.premiopipa.com/pag/sonia-gomes/>>. Acesso em: 9 de março de 2023.

SÔNIA Gomes - O mais profundo é a pele. Pace Gallery, s.d. Disponível em: <<https://mendeswooddm.com/pt/artist/sonia-gomes>>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

TARSILA do Amaral. Escritório de Arte, s.d. Disponível em: <<https://www.escrioriodearte.com/artista/tarsila-do-amaral>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2023.

TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. Tramas feministas na arte contemporânea brasileira e argentina: Rosana Paulino e Claudia Contreras”. *Artelogie*, nº 5, 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/artelogie/5163>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2023.

UM defeito da Cor. Museu de Arte do Rio, s.d. Disponível em: <<https://museudeartedorio.org.br/programacao/um-defeito-de-cor/>>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

**APÊNDICES:**

## APÊNDICE A - Entrevista online com as artistas

### 1) Por que você escolheu ser artista?

CHARLENE: Acho que de alguma forma a vida foi me conduzindo por caminhos, onde eu tive que fazer as escolhas e acabei nesse campo das artes, eu não tenho formação em artes, mas é como se a vida tivesse dado uma grande volta. Porque quando criança eu queria ser artista e fui fazer administração, fiz mestrado em administração e até que cai nas artes. Hoje, pra mim, a arte é uma forma, é um caminho que tenho de me relacionar com o mundo e com tudo que está ao meu redor. É o que me move, o campo das artes, então acho que essa escolha ta relacionada com o que consigo criar formas de vida, de relações a partir do que eu faço.

SÔNIA: Não escolhi, é uma questão existencial.

PRISCILA: Acho que não foi exatamente uma escolha, foi inevitável. Eu sempre gostei, desde criança, de fazer atividades de artes e culturais, mas a minha família nunca foi muito envolvida com arte. Eu venho de uma família negra, pobre, então a gente não tinha costume de frequentar museus, teatro, mas eu gostava de desenhar desde criança. Eu fazia esboços totalmente espontâneos de observação, gostava de ver um desenho menor e ampliar, às vezes fazia desenho de inspiração. A minha mãe costurava, quando eu era criança, e ela tinha umas revistas de moda, eu ficava olhando as roupas e eu fiz teatro no Ensino Médio. A escola que eu estudava tinha oficinas de teatro e fiz mais ou menos um ano, cheguei a fazer aulas de dança também. Eram coisas que eu sempre tive proximidade e tinha interesse. Na adolescência eu comecei a gostar muito de música, música é uma parte muito importante na minha vida e eu ia muito em show, levava câmera fotográfica e isso me fez ter interesse maior pela fotografia. Então comecei a buscar outras coisas, a fotografar paisagem, a cidade, ampliando pra além dos shows. Quando me formei no Ensino Médio, eu tentei Belas Artes na UFMG e Design Gráfico na Universidade do Estado. Eu gostava de trabalhar com imagens no computador, tentei também pensar na questão financeira para ter emprego, por vim de uma família pobre. Tentei belas artes e não passei, design gráfico também não passei e descobri o curso de artes plásticas na Universidade de Estado e resolvi fazer. Lá tinha habilitação em fotografia, pensei que eu poderia me aperfeiçoar na fotografia e ser fotógrafa e no curso eu descobri várias outras possibilidades que eu não tinha nem noção que existia como gravura, performance, cerâmica, na universidade fui descobrindo e comecei a fazer outras coisas. Cerâmica nunca mais fiz, é uma coisa que gosto mas tem que ter ateliê e não tinha espaço porque eu morava em república. Fotografia também acabei não dando segmento porque não é muito fácil também, mas pra fazer investimento é difícil e caro e eu precisava trabalhar e foi minha prioridade então arrumei um emprego, comecei a trabalhar e fui deixando de lado. Me interessa mas hoje eu não preciso fotografar profissionalmente, faço as coisas no celular e vejo o trabalho de outras pessoas. Hoje mais do que nunca é um exercício de sobrevivência por ser esse veículo de comunicação, colocar as coisas que eu penso e questiono, provavelmente seria muito mais frustrante pra mim lidar com o dia a dia se eu não conseguisse colocar as coisas na arte.

### 2) Qual profissão você acha que teria se não fosse essa?

CHARLENE: Eu não sei se eu teria, mas eu gostaria era ser cantora. Eu acho que deve ser uma plenitude você conseguir externalizar o mundo, sua forma de pensar e de ver o mundo. Acho que deve ser algo muito esplêndido a vibração dentro de você, antes de colocar pra fora.

PRISCILA: Nossa, é difícil! Eu gosto de tanta coisa. Eu já pensei em fazer cinema, já cheguei a entrar inclusive. Então, tudo relacionado à arte. Só biologia que está mais fora, gosto muito de animais e natureza, mas provavelmente eu ficaria em humanas mesmo. Gosto muito de arquitetura, mas fazer isso é outra coisa, eu vejo as pessoas fazendo e tem toda uma

relação com matemática que eu detesto. Mas gosto muito de observar as formas, sigo muitos perfis de arquitetura. Dança é uma coisa que provavelmente eu faria, mas fazer mais uma graduação... Eu fiz um curso de pós graduação em dança durante 1 ano e meio. Tem essa relação com o corpo também.

### **3) A partir de qual momento você passou a se considerar profissional nas artes visuais?**

CHARLENE: Essa é uma grande questão, sobretudo para artistas em início de carreira, a definição do que é ser artista profissional. No início eu ouvia muito que eu não era uma artista profissional mas quando eu vou pensar nas artistas negras profissionais, eu sempre as vejo tendo que desenvolver uma outra atividade que é uma atividade que vai permitir condições de vida pra poder conduzir pra produzir. Então, as grandes referências de artistas negras que eu tenho deram aula por muito tempo, ministraram oficinas, tavam no campo e foram mulheres muito atuantes e ainda são muito ativas no meio do educativo. Mas pra mim o que aconteceu foi que hoje eu vivo disso mas hoje eu tenho uma percepção que a área da educação, que quando a gente fala da definição de artista é daquele que vive da sua própria arte, então a partir dessa definição, a partir de 2016, 2017 isso foi se alternando pra mim. Mas estou sempre no campo da educação, então hoje eu vejo que a educação é uma forma de elaboração da minha prática. Mas o ano que eu comecei a falar que eu sou artista foi algo muito recente, como eu trabalhei sempre no campo da educação e também no âmbito da gestão por muitos anos, eu demorei pra me assumir enquanto artista. Por exemplo, eu chego no hotel e me perguntam qual é a sua profissão. Eu fui fazer isso em 2019, eu fui dizer ‘eu sou artista’, antes eu dizia ‘ah, eu sou gestora’, ‘ah, eu sou educadora’. Como a minha principal atividade, isso veio bem tardiamente pensando que eu comecei as oficinas em 2012. Então isso é um eterno também, se fazer, se moldar também enquanto artista e hoje pra mim isso é mais tranquilo porque eu acho que essa pergunta de artista profissional geralmente eu pergunto pra pessoa ‘o que pra você é um artista profissional?’

SÔNIA: A partir da minha participação na Bienal de Veneza.

### **4) Qual foi o seu primeiro contato com o que você define como arte?**

CHARLENE: Meu primeiro contato foi quando eu era criança, não estou querendo dizer que lá eu já era artista mas por volta de 5, 6 anos eu comecei a fazer aula de dança. Então dança foi a primeira área artística de expressão que eu me envolvi. Eu morava numa cidade no interior de Minas Gerais e a dança era uma área que tinha disponível na cidade. Tinha aula de jazz, ballet, ballet clássico que foi a primeira dança que eu fiz. Então eu começo na dança, depois teatro na escola, então ali começa o meu contato com essa grande área e eu continuo até por volta dos meus 17, bem ativa na dança e no teatro. E eu tenho uma interrupção de muitos anos e retomo em 2012, mas meus interesses já eram outros. Eram criar imagens e discussões por meio do audiovisual e eu começo a fazer mais o canal de websérie Raiz Forte em 2012. Acho que o audiovisual está sempre presente, apesar de hoje eu entender que a performance e a interlocução da performance com a minha interlocução como espaço ela tem um lugar abundante na minha prática. Mas o audiovisual está sempre presente de alguma forma.

### **5) O que é ser mulher negra e artista visual contemporânea pra você?**

CHARLENE: Essa pra mim é uma grande caixa, acho que hoje a gente tem da minha parte uma tentativa de sair dessa clausuradora. Sou uma artista brasileira e às vezes isso me inwieza muito no que eu faço. Ser vista por essa vista de mulher negra, entendendo todas as questões que a gente tem mas dentro das artes visuais e parece que eu só coubesse nessa caixinha chamada de mulheres negras. Então, meus trabalhos estão discutindo a constituição da sociedade

brasileira, não está somente discutindo questões de uma maioria da população que é a maioria negra. Meu trabalho perpassa por essa questão porque sou uma mulher negra, é inevitável, tudo vai passar por isso, mas o que eu tô querendo falar das cores, da forma, da abstração e as vezes isso não é possível porque tô dentro dessa caixa e também como se eu tivesse obrigação de falar a todo momento essas questões e as vezes meu trabalho não é sobre isso. Meu trabalho é estar discutindo sobre relações de poder, que é o que estou mais interessada em investigar nesse momento. Obviamente a questão de gênero e raça, sempre perpassando essas questões. Mas acho que ser artista, mulher, negra, pra mim é estar encaixotada.

SÔNIA: A negritude vem sempre antes de tudo.

PRISCILA: Ser uma mulher negra é muito difícil de definir, a gente sabe que pensando na pirâmide ela está no lugar mais baixo. Sei que tem muita discussão ao homem negro sofrer racismo mas a gente também é atravessado pela misoginia. É um caminho árduo mas eu acredito que a gente tem muita potência, infelizmente acaba sendo 10 vezes mais difícil que qualquer outro. E se a gente for lidar com esse circuito de galerias e colecionadores, esses lugares são muito dominados por homens e homens brancos mas se precisar lidar com um homem negro e uma mulher negra, eles vão preferir o homem negro. E mesmo assim homem nesse lugar que ainda é muito questionado na sociedade, mas ainda existe esse lugar da mulher negra bem dual: ao mesmo tempo que é entendida como frágil, é também como forte e pode ser submetida a diversos abusos e aguenta por ser forte. Cada lugar e situação coloca a mulher negra em situações diferentes. É tenso, a gente tem que ser 10 vezes melhor. É uma realidade mas temos o retorno de ver outras mulheres, as vezes meninas bem jovens, que vê a trajetória que a gente faz e vê um caminho de estar em outro lugar através do trabalho que a gente faz. Isso é muito legal, ver que a gente está fazendo algo para as outras gerações que vem, é muito bom receber esse retorno. E acreditar que estamos construindo algo.

#### **6) Quais foram suas principais inspirações de artistas que teve ao longo da sua jornada?**

CHARLENE: A principal delas, não tem como escapar, é a Rosana Paulino. E que hoje eu sou a companheira dela de trabalho porque faço assistência pra ela. Meu contato com o trabalho da Rosana foi em 2013, eu que comecei a produzir em 2012, em 2013 tive a possibilidade de expor junto com a Rosana. Então, quando eu vi a produção dela, as relações, eu vivi com o espelhamento das obras dela, do que ela estava pesquisando, naquele momento tudo mudou porque foi como se fosse possível ser artista. Vindo de um âmbito familiar em que ser artista não era uma possibilidade existente de sobrevivência. Estar em contato com a obra da Rosana foi uma nova possibilidade de uma nova vida, de me reinventar naquele momento. E depois vieram várias outras artistas, Eneida Sanches, ... Lisboa. Tem uma curadora que é fundamental para o desenvolvimento do meu trabalho que é a Fabiana Lopes, que dentro da minha prática curatorial é alguém que eu me espelho, alguém que pensa a curadoria não somente no âmbito de realizar exposições mas de pesquisas. É alguém que não é uma referência distante, temos uma relação de vida e de proximidade. Geralmente essas que eu estou citando temos uma relação mais próxima mesmo.

SÔNIA: Artistas populares, artesanato, congado...

PRISCILA: No início da minha carreira eu não tinha referência, nos quatro anos que fiz faculdade falaram de três artistas de cor que foram a Frida Khalo, que muita gente não entende como pessoa de cor, porque ela é uma mulher latina então não é branca mas também não é negra. Ana Mendieta e uma vez um professor meu passou uma lista pra gente pesquisar e eu acabei escolhendo uma artista negra que é da Etiópia, que eram da pintura. Depois que eu já tinha me formado, começaram a fazer performances que fui conhecer outras mulheres artistas. Uma que me interessa muito é a Renata Felinto, Ana Mendieta, não sei se é considerada no Brasil como negra mas nos Estados Unidos com certeza porque ela morou

muitos anos lá e a Michelle Matiuzi é uma referência muito forte. Hoje a Rosana Paulino, ela é mestrona, foi muito pioneira, começou a carreira dela criança e vendo os trabalhos dela é uma referência muito grande, nem digo da produção vasta mas de caminho e de carreira. Tem muitas artistas e a cada dia que passa percebo que eu vou conhecendo muita mais gente. Gosto bastante do trabalho da Val Souza, que é uma artista de São Paulo. Falando de artistas mulheres né. A Jack Lesban (?) da Bahia que tem um trabalho bem interessante, acho que ela vem do teatro. A Luciméia Romão, ela é mais recente, mas ela tem um trabalho muito legal, um trabalho bastante impactante. A Jotta tem um trabalho ela escreve bastante e traz umas discussões muito importantes na escrita também.

### **7) Como é o seu processo de criação? Sempre foi da mesma forma ou mudou?**

CHARLENE: Ele vai mudando com o tempo mas eu tenho entendido ele como se tivesse decantando, se assentando, é um processo que ele começa com a minha interação com o espaço, com os objetos, com espacialidade, com os objetos que estão em meu entorno, com a escuta das pessoas que estão ao meu redor. Escuta da prática, das pessoas, esse é o início do trabalho, pra além do meu interesse de pesquisa. No segundo momento eu começo a me relacionar com esse espaço e objetos, a partir disso eu penso como vou materializar o trabalho. Os últimos trabalhos que eu tenho feito, são trabalhos que eu pesquiso sobre as relações de poder dentro das instituições, eu entro dentro das instituições, escuto um grupo de pessoas e a partir das escutas eu vou realizar trabalhos que acabam se desdobrando e transitando como foi na performance de vídeo da fotografia e vou pensar como vou materializar isso, a partir do trânsito dessas linguagens. Minha prática está muito relacionada com o espaço e com as pessoas que estão nesses espaços. As vezes entro e falo que vou fazer uma obra que não vou interagir com ninguém mas é minha forma de parar o mundo, então eu acabo convidando ‘não, vem’, ‘você não quer me dirigir?’, ‘você não quer fazer uma produção?’. Será que eles não vão ajudando? Quando eu vejo estou trabalhando no mínimo com 7 pessoas por mais, com objetos que estão ao meu redor. E eu acho que sempre foi assim, acho que está sempre mudando, é uma prática sempre mutante porque essa coisa do trânsito pra mim é também uma coisa muito importante. Poder estar transitando mesmo que seja num espaço diferentes da minha cidade, então esse trânsito me faz pensar qual é a realidade daquele lugar, pesquisar sobre nomes. Eu estou numa residência na Barra Funda que é um bairro de São Paulo e eu estava conversando com outra artista sobre porque o nome é Barra Funda. Então, isso é natural na minha prática.

PRISCILA: É bem comum eu partir de experiências e de coisas que já vivi, então eu quero retratar coisas que aconteceram me incomodaram e que eu vejo no dia a dia e precisam serem questionadas. Meu trabalho tem muito isso de tratar de questões que são da minha vivência, de ser uma mulher, de ser negra, então penso sobre o racismo, violência contra mulher, machismo. As vezes eu parto de uma memória, de um fato, um acontecimento e algo que eu tenho feito bastante é tentar tratar desse trabalho de uma forma coletiva porque acaba sendo, por mais que eu tenha minhas experiências particulares elas acabam sendo muito coletivas porque não é só eu que vivo misoginia por ser mulher, racismo e interseccionalidade. Então gosto muito de trazer de outras mulheres, alguns trabalhos eu recolho histórias de outras mulheres, que elas compartilharam comigo coisas que elas vivenciaram. Colho na internet notícias do que aconteceu com algumas pessoas negras e de pensar a violência principalmente policial contra os corpos negros, nunca vivenciei diretamente. Uma mulher você sabe que não vai ser da mesma forma para serem abordadas mas a gente vê muitas notícias com os homens negros. Já sofri uma vez com abordagem mas não chegou a ser uma violência física, mas isso nos afeta, nossos pais, nossos filhos. Muitas vezes eu trago elementos que fazem parte da minha rotina, trabalho com famílias, maquiagens, objetos que fizeram parte da minha infância ou determinada situação que vivi.

**8) Quais são os momentos e lugares que você teve maior inspiração ao criar uma obra?**

CHARLENE: Vários, mas um período que eu me senti numa vila de pescadores (?) chamado Regência, no Espírito Santo, não só foi um trabalho específico mas isso vai ser um divisor de águas na minha profissão. O contato com esse lugar e com a temporalidade desse lugar, os costumes desse lugar, reverberam tão profundamente em mim que é como se eu pensasse em movimentos que eu fazia, mesmo estando no metrô de São Paulo, por exemplo. Então a forma como eu tive a possibilidade de aprender a ficar de pé dentro de um barco e hoje quando estou dentro do metrô, do trânsito é como se eu estivesse dentro de um barco. Esse lugar vai ser investidor, talvez ele tenha me ensinado de movimentos que eu nunca vou esquecer, assim como andar de bicicleta, você pode pegar qualquer uma que não vai esquecer. Então de fato esse lugar ele é, ele está, muito marcante pra mim.

SÔNIA: Não é o momento, é o estado, o material que escolho e recebo, que é o condutor. Eu nunca trabalho a partir de um tema e sim a partir do meu encontro com o material. Ir todos os dias para o ateliê é minha rotina diária.

**9) Que tipo de material você costuma usar e porque você o escolheu? Se é que teve escolha.**

CHARLENE: Alguns se repetem, a materialidade do vidro, a água, a pomba. A água é um elemento que me inspira muito por causa do movimento e porque eu gosto de pensar nas águas internas, na água que me serve e nas águas externas, pensando que nós somos compostos majoritariamente composto por água. A pomba é um elemento muito ativo, por ter diversas funções no campo físico e espiritual e os vidros por uma questão de jogo com essa transparência, materialidade translúcida e tão frágil, como se fosse uma coisa que dá um contorno mas que é muito frágil. É como se a qualquer momento esse contorno pudesse não existir. Uma outra que eu posso chamar de materialidade é a impermanência, por mais que a vida exija permanência das coisas ou dos lugares, há uma materialidade também.

**10) Como você cria os títulos das suas obras?**

CHARLENE: Eles me chegam de forma muito diferentes, alguns são frases que eu ouvi, outros são imagens que eu sonhei, paisagens, é difícil eu fazer uma obra e depois dar o nome, como se fosse um filho que os pais dão os nomes depois que nasce. Geralmente eu tenho um caderno de títulos e eu faço a obra e falo “nossa, nasceu o trabalho daquele título.”

PRISCILA: É um pouco mais difícil, não gosto de títulos muito óbvios, na maioria das vezes primeiro eu faço o trabalho e depois o título vem. Sempre foi muito comum na nossa sociedade falando do nosso cabelo como bombom que muita gente já ouviu. Tem esse trabalho que eu fazia, performance, que eu apresentei umas cinco vezes que é Vem pra ser infeliz, que eu ficava sambando e tocando a música eu pensei no título porque pra nós mulheres negras tem essa objetificação e é uma infelicidade. Muitas vezes eu penso no trabalho e no que ele traz, alguns tem uma relação muito forte com a religiosidade e a minha experiência de vim de uma família cristã e eu comecei a incorporar passagens da bíblia e o segundo trabalho que tinha essa relação eu chamei de Gênesis 9.25, tenho uns três com nomes bíblicos e eu tenho mantido porque me interessa ter essa relação bíblica fazendo uma série. De alguma forma esses versículos aparecem no trabalho e tem sido um pouco recorrente.

**11) Como é sua rotina de trabalho, se existir?**

CHARLENE: Quando estou trabalhando fora de casa ou em casa, é de organizar os objetos dispostos em cima da mesa. É como se a posição deles dissesse tudo como estou fazendo e a ordem também dissessem como eu estou no dia ou o criar imagens do que eu preciso naquele

momento pra continuar produzindo. Essa rotina eu gosto de chamar de ritual, de chegar e fazer essa rotina, só depois disso eu começo a trabalhar. E isso pode ser lavar um vidro, ler um livro, escrever uma instrução de performances, rever imagens, imprimir imagens. Mas antes o ritual é de limpeza no espaço.

PRISCILA: Eu sinto que não tenho rotina estabelecida, estou fazendo mestrado e a previsão é terminar esse ano. Com isso sinto que deixei algumas práticas que eu fazia e eu não tenho ateliê, sempre fiz todos os trabalhos na minha casa. Até porque tem uns trabalhos que nem tem o outro, são só eu, o corpo e alguns objetos, só preciso reunir alguns objetos. Faço a minha pesquisa na internet, os materiais que preciso e as imagens que quero criar e alguns materiais foi a presença do corpo e materiais. Uma outra coisa que eu preciso produzir eu faço em casa. Às vezes só faço meu trabalho como artista, às vezes recebo alguns convites mas uma coisa que faço é ler editais, tem site que eu me inscrevi, site que mandam por email como se fosse uma lista de email, existem editais que são só para artistas no Instagram. Eu vou anotando, tenho uma lista de sites residentes que eu sei que tem uma determinada instituição que todo ano divulga residência no início de ano e quando chega na época eu vejo se a residência está aberta e vou salvando. Aqui no Ouro Preto tem festival de inverno, tem muitos com proposta de performance e de exposição. As vezes é mais formal, dentro das artes visuais e às vezes é mais cultural. Vou olhando, vendo se vale a pena, às vezes eles cobram pra inscrever e não me inscrevo. Residência que cobra de artista eu não me inscrevo, só se for de graça. Eu não tenho dinheiro, isso é coisa pra quem tem dinheiro, então faço esse filtro e estou muito melhor com isso. Eu fui ao Rio de Janeiro no final do ano passado para participar de um edital na A Gentil Carioca, perto daquele abre-alas, é uma das principais galerias do Rio de Janeiro. Todo ano eles abrem edital e fazem inscrição, aí topei participar porque eu queria apresentar essa performance Vem pra ser infeliz que eu nunca tinha apresentado no Rio sem receber nada, era uma oportunidade mas é outra coisa. Para as pessoas que estão começando é difícil mas cobram muito do artista e não vale a pena. Tem muito edital, no início do ano não tanto. Você se inscreve em 30 editais pra ser aprovado em 5.

### **12) Já viajou a trabalho para fora do Brasil? Se sim, para quais países?**

CHARLENE: França, Portugal, Uruguai, Peru, mas os meus trabalhos já circularam mais do que eu. E eu nunca imaginei que de alguma forma eu poderia pisar nesses lugares. Então eles estão muito mais viajados do que eu, espero poder algum dia ir em todos os lugares que meus trabalhos já foram.

SONIA: Sim, muito.

PRISCILA: Fui pra Alemanha na primeira vez em 2016, levei uns três dias pra acreditar! Me escreveram em inglês e eu li e eu perguntei “será que eu entendi certo?” e fui perguntar pra uma amiga que mora nos Estados Unidos. Depois fui pra Londres, me inscrevi num edital de uma residência de performance e fui selecionada. Fiz uma residência nos Estados Unidos e em 2019 fiz um trabalho na Espanha, na Holanda e Polônia. Fiz outro na Alemanha em 2019 e agora a pouco na pandemia fui para a Espanha de novo.

### **13) Quais foram os maiores desafios na vida profissional que teve que passar para chegar aqui?**

CHARLENE: O maior desafio é você ter sede de produzir apesar de. Apesar do telefone está quebrado, apesar da luz acabar, das contas que tem a pagar, precisar imprimir ou editar um vídeo. Produzir e ter sede de produzir apesar de é o maior desafio e ele nunca cessa. Acho que é a única constância na minha vida enquanto artista.

SÔNIA: Ser negra, primeira artista negra viva a fazer uma individual MASP no sec. XXI

PRISCILA: Primeiro os obstáculos da vida de uma pessoa que não é herdeira, quando eu me formei eu precisava trabalhar e não tinha como ter arte como prioridade. Lembro que me formei e consegui um estágio como educadora de uma instituição cultural aqui em Belo Horizonte, fiquei mais ou menos um ano trabalhando lá e depois que eu sai desse trabalho durante um tempo eu fiquei um ano sem trabalho. Nesse tempo, eu me inscrevi em uns editais e não passei e minha prioridade foi procurar um trabalho, eu precisava de emprego. Fiz umas aulas de dança num projeto da prefeitura que era de graça e enquanto eu procurava trabalho. Em 2014 eu consegui um trabalho de carteira assinada com uma curadora que eu conheço que mora nos Estados Unidos e fui lá e apresentei, eu tinha apresentado uma vez no Rio de Janeiro também. Mas não ganhava nada, me chamavam pra fazer trabalho mas era difícil ganhar. Uma vez aqui em BH foram duas vezes. Nesse trabalho de carteira assinada fui conciliando com meu trabalho artístico (trabalhava como recreadora numa empresa que fazia ações sociais em Minas Gerais inteiro). Eu tentava trocar minha folga quando tinha algum trabalho, se eu precisava fazia horas extras e comecei a receber alguns convites que eram mais esporádicos mas chegou num momento que ficou mais difícil conciliar. Eu lembro que falei para o meu patrão, que era um emprego CLT, que eu era artista visual além de trabalhar lá e ele me perguntou “Mas seu trabalho é aqui né?” e eu disse “Não, sim, eu sei, mas de vez em quando eu faço por fora”. Quando fui demitida eu consegui fazer mais meu trabalho como artista porque eu recebia mais propostas e foi possível segurar um tempo e eu consegui dedicar para me inscrever em editais. Mas teve um momento que ser só artista não era uma possibilidade, eu tinha que fazer mais coisas porque precisava pagar as contas. Era ser artista nas horas vagas.

#### **14) Como foi a assistência da sua família ao entrar nessa profissão?**

CHARLENE: A resistência é por não conseguir visualizar o desejo por uma permanência como uma segurança financeira talvez seja um grande fator de não aceitação das coisas que fiz e que faço. Eles não entendem. Uma vez eu vi um ator que estava recebendo o prêmio do Oscar e eu liguei pra minha mãe pra contar e ela perguntou “isso quer dizer que você tem um emprego?” e eu disse que não era eu. Eles não entendem essa escolha que de fato não é de uma permanência financeira.

SÔNIA: Nenhuma.

PRISCILA: Não teve, minha família nunca acreditou e eu entendo. Eu fiquei um pouco chateada, mas hoje entendo muito. Eu vim de uma família de pessoas negras e pobres e a arte é elitizada. Hoje tem possibilidade maior de trabalhar com arte e não só sendo artista, igual você faz História da arte e pode trabalhar em museus, como curadora, dando aula em escola.. Quando eu comecei não tinha tantas oportunidades e instituições, não tinha CCBB aqui em Belo Horizonte. Hoje tem mais possibilidades e acho que está ficando mais aberto para as pessoas negras e periféricas de estar nesse lugar. Mas há 12 anos atrás não. Hoje não é fácil, mas há 12 anos atrás muito menos. Então não me apoiavam muito não. Minha mãe começou a dar uma moral, respeitar um pouco mais quando entrou o dinheiro. Entre o trabalho de CLT e educadora, eu participei de um concurso de fotografia em Belo Horizonte e fiquei em terceiro lugar e ganhei 750,00. Falei pra minha mãe e ela disse que falou para os amigos dela que ia lá na exposição que eu ganhei e ela ganhava quase o mesmo no trabalho. Outra vez fiquei em sétimo lugar em um concurso de fotografia, não ganhei dinheiro mas ganhei hospedagem e ela viajou comigo e anos depois quando comecei a viver do meu trabalho ela já apoiava. Na verdade, até hoje minha família não é muito inteirada do meu trabalho, não sabe muito o que eu faço e não pergunta muito. Hoje minha mãe entende que eu consigo pagar minhas contas com isso.

#### **15) Você tem ajuda de profissionais, como assistentes?**

CHARLENE: Eu comecei a trabalhar com uma pessoa esse ano, como assistente esse ano, mas é algo bem novo e não sei se vai permanecer. Então sempre tive minhas profissões, eu escrevi os meus projetos, eu penso na captação dos recursos, eu penso em como desenvolver esses trabalhos, sejam obras ou sejam palestras, oficinas. Eu sou aquele artista que chamam de faz tudo, estou em todas as cadeias de produção. Tenho um amigo que tem vários funcionários mas todos são ele então todos ficam precarizando o outro e faz tudo.

PRISCILA: Não tenho e isso é uma coisa difícil, mais ou menos, não é todos os trabalhos que preciso, até porque não tenho esse dinheiro . Tem alguns que quero fazer e seriam mais pesados e seria importante ter assistentes. Tem trabalhos que vão ficando na gaveta pra quando surgir mais oportunidades. A maioria faço individualmente mesmo. Um dos últimos que fiz, que está no Museu de Arte do Rio agora de Um defeito de cor, foi um que tive assistência de outras pessoas. Mande as roupas para uma empresa para cortar á lazer e eu tinha que costurar umas peças, uma amiga costuradora fez pra mim e um amigo ajudou dando tratamento nas peças, pra dar firmeza ao trabalho. Eu não posto muito nas redes sociais, porque não tenho interesse de fazer ensaios todos os dias, então eu mesma que respondo meus emails, respondo contratos e negócios com as pessoas.

**16) Você é uma pessoa que costuma se cobrar muito no fazer artístico?**

CHARLENE: Sim, eu me cobro muito numa perfeição que não existe.

SÔNIA: A obra tem que ser agradável pra mim.

**17) Existe alguma obra sua que você tenha maior apego? Por que?**

CHARLENE: Um trabalho que chama "Onde você ancora o seu silêncio", que inclusive estou revisitando ele agora, então eu tenho um apego com ele, com as âncoras que eu usei nesse trabalho. Porque esses objetos relacionais dizem muito sobre o indivíduo, então esse trabalho pensando na materialidade mesmo foi o que eu mais convivi nos últimos anos. Acho que nem é o objeto, mas as histórias, os rastros e os vestígios que esses objetos carregam com o indivíduo.

SÔNIA: Meu trabalho é pro mundo, eu não tenho apego.

PRISCILA: Esse trabalho que está exposto no MAR tem um que é parecido com esse e quando fiz uma residência nos Estados Unidos, porque é meu primeiro trabalho com instalação. Quando fiz ele fiquei muito feliz porque nunca tinha feito instalação, era um trabalho muito difícil mas por ser um trabalho grande não tem como manter em qualquer lugar. E quando fiz nos Estados Unidos pensei “nossa, é esse trabalho que vou fazer” porque casava com tudo. Primeiro trabalho que foi no ateliê e quando ele finalmente saiu foi muito bom porque custou muito tempo. Eu fiquei 28 dias na residência, então desde dos primeiros dias eu comecei a trabalhar. Lá eu fiz tudo à mão, tudo do início ao fim foi eu que fiz sozinha. Eu tenho muito trabalho de performance mas é muito efêmero, esse foi o primeiro material que eu tinha como uma coisa palpável. Ele fala sobre violência policial contra pessoas negra e é muito forte mas é bastante acessível. Desde que voltei dos Estados Unidos ele ficou lá, porque era muito grande pra trazer, seria muito custoso e a instituição pede pra gente doar o trabalho, não é obrigatório. Eu doei, posso dizer que eu tenho um trabalho na coleção desta instituição e vai pro meu currículo. E quando voltei sempre quis montar de novo, o daqui é maior e é mais difícil pensando no contexto brasileiro. Tem a história da Agatha, do Vinicius, fico muito feliz com o trabalho, ele se chama Absência, na verdade é um vazio mas não tinha como traduzir esse vazio que está entre parênteses.

**18) Você acha que chegou no seu auge de desenvolvimento profissional, se não, quando seria?**

CHARLENE: Não, pra mim estou muito distante do que eu quero profissionalmente. Eu não sei quanto tempo ainda vou ter de caminhar pra chegar onde quero chegar. Mas talvez eu tenha percorrido % de onde eu quero chegar, acho que ainda tenha muito trabalho pela frente.

**19) Enquanto esteve dentro do cenário artístico percebeu uma diferenciação entre o que é ser mulher artista branca e negra? Dê exemplos da sua própria vivência, se possível.**

CHARLENE: Sim, todo dia. São situações no âmbito do mesquinho, do cotidiano. Eu preciso viver com determinadas situações que artistas não racializados não precisam. Então isso acontece todos os dias. Estou numa residência, por exemplo, fomos fazer uma visita no MASP, quando você entra tem uma vistoria e você precisa mostrar sua bolsa. Estavam todos nós artistas e faziam uma pergunta. E a pergunta que era feita, não sei se pra todos, mas para os que eu vi era “você tem algum objeto cortante na bolsa?” e pra mim era “você tem algum objeto cortante? faca? estilete? canivete?”. Foram falando todos os objetos cortantes que obviamente a pessoa que estava fazendo a vistoria conectava quando me via. Para aquela mulher não bastava dizer objetos cortantes, ela tinha que deixar explícito pra mim quais eram os objetos que ela tava vendo. Hoje fui comprar vidro, por exemplo, não tinha nenhuma artista não racializada comigo. Mas ninguém me atendia, então fico mais tempo nessa atividade que era simplesmente comprar vidro, porque ninguém queria dizer onde estava o vidro de 90 ml. São coisas que eu tenho plena consciência que eu tenho que lidar com esses episódios, com essa camada de temporalidade. De desgaste psicológico, que, acredito eu, artistas não racializados não precisam lidar.

PRISCILA: Não posso dar algo concreto porque a gente não percebe às vezes, mas já aconteceu, por exemplo, de eu ir apresentar uma performance em uma instituição privada e já me pediram pra abaixar valor e fiquei sabendo que pra artista branco eles já pagaram mais. Mas ninguém fala na sua cara. Já aconteceu de pedirem orçamento mas depois eles não respondem, não sei se com os brancos eles fazem a mesma coisa. Acho que com certeza existe um respeito maior, não responde nem pra dizer que não quer mais.

**20) Você ainda tem vontade de conhecer algum artista específico?**

CHARLENE: Vários, tenho vontade de conhecer e de conversar, sentar, papear, Paulo Nazareth, Tiago Gualberto, Ana Lira, gosto muito dela como artista ou curadora.

SONIA: Eu gostava muito de conversar com o Tunga.

**21) Por fim, qual dica você daria para uma artista negra que está iniciando?**

CHARLENE: Não se encaixote, você está repensando a arte contemporânea brasileira.

SÔNIA: Persistência, liberdade e coragem.

PRISCILA: Uma coisa que eu aprendi depois de tanto tempo de trabalho é registrar trabalhos, eu sei que quando a gente está começando é meio difícil. Mas uma dica é conversar com amigos que também estão começando e às vezes trabalha com videos, você pode trocar trabalhos, pra fotografar suas obras. Faça registros, faça portfólios e divulgue porque as pessoas precisam conhecer seu trabalho. Precisam saber que você existe. Hoje em dia tem as redes sociais mas eu acho que é uma possibilidade. Deixar em pdf, se possível ter uma versão em inglês, se tiver um amigo que saiba pede pra revisar pra você. No seu portfólio também está disponível para quando precisar e saberem que você existe.

OBS.: A ENTREVISTA COM ROSANA PAULINO FOI APENAS UMA REFERÊNCIA SOBRETUDO DA REVISTA APOTHEKE, JÁ QUE A ARTISTA NÃO PÔDE PARTICIPAR DA ENTREVISTA E SUGERIU UTILIZAR OUTRAS.